

DIVÓRCIO É DEBATIDO POR CIENTISTAS



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.P.E.

N.º 8

RECIFE — ABRIL — 1975

ANO VII

O divórcio é um bem ou um mal social? Para o debate desse assunto — hoje tema de conversas em toda parte, desde a Igreja aos bares e clubes sociais — o JU reuniu o depoimento de etnólogos, sociólogos e an-

tropólogos. Todos analisam o problema à luz da ciência, mas o etnólogo Mário Souto Maior, em meio ao debate, deixou escapar sua opinião como homem comum: "Sou contra o divórcio hoje". (11.ª página)

Sincretismo religioso do xangô visto por cientista



Na noite recifense, o povo já se acostumou a ouvir o toque dos xangôs nos terreiros e os fogos espoucando nos dias consagrados aos "santos" mais importantes. Durante as reuniões, as pessoas invocam os "santos" de

sua predileção, alguns deles da Igreja Católica, outros saídos da credence popular. Esse sincretismo religioso é o que mais tem impressionado os estudiosos e está enfocado na 2.ª página.

Progresso faz desaparecer o tipo popular?

Com o progresso que caracteriza nossos dias, notadamente nos centros urbanos, alguns hábitos e práticas sociais vão assumindo modelos novos, quando não desaparecem definitivamente. É o que ocorre com os tipos populares do Recife, hoje, para alguns observadores, praticamente desaparecidos. Já o etnólogo Mário Souto Maior — autor de "A Morte na Boca do Povo" — acha que os tipos populares não desapareceram e não vão desaparecer nunca, e justifica seu argumento com vários exemplos. (Pág. 14)

Os exames antidoping no futebol

Uma palestra no Departamento de Bioquímica, da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu jornalistas, médicos e dirigentes dos principais times de futebol, com a finalidade de melhor esclarecer o processamento dos exames antidoping nos futebolistas. Tais exames ficam a cargo da própria UFPE, que para isso conta com uma equipe altamente qualificada. (Pág. 3)

DEC explica como circula agora o JU

Qualquer aluno, professor e funcionário da Universidade Federal de Pernambuco, inclusive pessoas ligadas a outras atividades, que desejem receber regularmente o JORNAL UNIVERSITÁRIO, no ambiente de estudo, trabalho ou na própria residência, basta escrever para o Departamento de Extensão Cultural (2.º andar do prédio da Reitoria, Cidade Universitária) mandando o endereço e justificando o seu interesse de ler este periódico. Esse atendimento se tornou possível a partir do planejamento feito pela equipe do DEC, com o propósito de melhorar a circulação do JU, tendo em vista sua distribuição nacional e para o exterior.

Televisão Educativa: como funciona e principais objetivos



O que é e como funciona uma televisão educativa? Nas páginas 7, 8 e 9, o leitor dispõe de amplo material informativo e opinativo sobre o assunto, reunindo especialistas na matéria, como é o caso das professoras Janise Pinto Peres, do INEPE/NE, e Astrogilda Paes de Andrade, da Faculdade de Educação, além do professor Francisco Dário, diretor da Televisão Universitária canal-11, coadjuvado por membros da sua equipe de trabalho.

Pesquisa na Universidade motiva participação jovem



Os laboratórios das Universidades brasileiras recebem um número cada vez maior de jovens interessados e atraídos pelo mundo da pesquisa. Os Institutos da Universidade Federal de Pernambuco podem servir de exemplo. Neles tem sido efetiva a participação de jovens pesquisadores que, ao lado dos mais experimentados, dos que já gastaram grande parte da existência dedicados ao desenvolvimento das ciências, reforçam as equipes de pesquisadores, em todas as áreas do conhecimento. (pág. 5)

Sociedade quer doar duas Faculdades à Universidade



A Sociedade Caruaruense de Ensino Superior quer doar as Faculdades de Direito e de Odontologia à Universidade Federal de Pernambuco. Para tanto, foi entregue um documento ao Reitor Marcionilo Lins, em caráter oficial, através de uma comissão de professores, à frente o fundador daquela instituição, Tabosa de Almeida. Nos próximos dias a Reitoria da UFPE se pronunciará sobre a viabilidade de absorção das duas Faculdades. A foto fixa o ato da entrega do documento de doação.

Seminário inicia programa de conferências deste ano



O Seminário de Tropicologia iniciou o programa elaborado para este ano, com uma conferência do pintor Aluisio Magalhães, sobre o projeto de uma campanha em defesa da cultura nacional. A palestra foi das mais movimentadas, motivando debates empolgantes entre os seminaristas, destacando-se o professor Cesar Leni, na condição de comentarista oficial da sessão. Os trabalhos foram coordenados pelo escritor Gilberto Freyre e prealçados pelo Reitor Marcionilo Lins.

Xangô: busca da felicidade no mistério do sobrenatural

É uma pequena sala de chão batido, paredes de barro, coberta frágil de telha ou folhas de coqueiro. O ruído dos instrumentos de percussão é quase ensurdecedor. Homens e mulheres — geralmente de cor negra — dançam, gesticulam, balançam os braços agilmente, cantam. As vozes são roucas e fanhosas. Fazem voltas, balançam as cabeças. As mulheres, de longos cabelos pretos, — algumas idosas, gordas, outras ainda jovens, meninas — agitam-se, requebram-se, inebriam-se com o som embriagador dos bombos. No meio da roda, o pai ou a mãe-de-santo, comanda a cantoria, puxa os versos, comanda a cerimônia.

Vestem roupas coloridas, exóticas, longas e fofas. Algumas mulheres têm turbantes brancos nas cabeças. Usam colares de diversas cores que saltam sobre os peitos, provocando ruídos estranhos; sandálias de salto alto, alvos, que podem arrancar poeira do chão, enchendo a sala de uma névoa de mistério, de encantação, de um clima além mundo. Algumas parecem viver ambientes distantes, sagrados, buscando a identificação ou a comunicação com o mundo dos deuses, dos espíritos, dos santos milagrosos.

Essa legião de homens e mulheres, às vezes crianças, de tão diferentes gestos e atitudes, são os participantes da cerimônia exótica do xangô, que se espalham, cada vez em número maior, pelos subúrbios do Recife, nos lugares mais humildes, nas regiões mais pobres. Entretanto, contam, quase sempre, com a participação de personagens importantes da vida social da cidade, que vão em busca de favores dos deuses, em busca da felicidade, trilham o árduo caminho da esperança; árduo e cada vez mais repetido.

Segundo o depoimento do sociólogo João Hélio Mendonça, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, "geralmente localizados nos arredores do Recife, nos morros, nos altos e nos bairros mais populares, se encontram os centros de xangôs. São normalmente identificados por uma placa ou letreiro nas respectivas fachadas, e não por um tipo de construção especial e distinta das demais do bairro. Já são hoje em grande número, no Recife, os terreiros ou centros onde se pratica o culto de xangô. Culto de origem africana, introduzido aqui pelos escravos, também chamado de batuque, de macumba, no Sul do País, de candomblé na Bahia, e do Pajelança, no Amazonas e no Pará. É um fenômeno típico da cidade, de quadro urbano e no máximo, do suburbano".

Sincretismo

Uma das características mais importantes, e que tem merecido a maior atenção dos estudiosos do assunto, é a que diz respeito ao chamado sincretismo religioso do xangô. A mistura de adoração a santos da Igreja Católica Apostólica Romana — que tem o maior número de adeptos no País — com as divindades próprias da seita. Daí por que a Nossa Senhora da Conceição, dos Católicos, é conhecida como Iemanjá — a Rainha das Águas — do xangô. "Inicialmente mais ortodoxos — afirma João Hélio Mendonça — quanto aos seus ritos, os cultos foram pouco a pouco perdendo a supremacia africana e incorporando práticas de outras religiões. Aliás, a adoção



de valores de outras religiões, como vários do catolicismo dominante, de práticas e de crenças de origem ameríndias, e do espiritismo, sempre foi uma constante nesses cultos. Daí eles serem hoje bem menos rígidos quanto ao cerimonial de origem africana e já refletirem o sincretismo com outras religiões. É o caso do Espiritismo de Umbanda, já tão incorporado aos centros de xangô, nas principais cidades brasileiras".

Segundo, ainda, o depoimento de João Hélio Mendonça "as divindades desses cultos são naturais tanto da África como do Brasil, e, além de se situarem sempre em posição intermediária entre o Deus Supremo Olorúm e os fiéis, também se identificam com os santos da Igreja Católica. Destacam-se entre eles: Ogum, que é o deus de ferro e da guerra e é dono também dos caminhos. Confunde-se também com São Jorge ou Santo Antônio. Yansã, a deusa dos ventos, das tempestades e também dona das almas. Confunde-se com Santa Bárbara ou Nossa Senhora dos Prazeres. Oxum, a deusa da beleza e dos rios, é a Nossa Senhora do Carmo. Yemanjá, a deusa das águas marinhas e mãe dos orixás. Muito respeitada, suas cores são o azul e o branco. Confunde-se com Nossa Senhora do Rosário ou dos Navegantes. Ibeji representa os gêmeos Cosme e Damião. Exu, uma divindade inquieto e confundindo-se com o diabo".

Naturais do Brasil

Ainda quanto ao aspecto do sincretismo religioso no xangô, já estudado por muitos cientistas sociais brasileiros, e alguns deles mesmo do Exterior, interessado nas questões dos trópicos ou nos problemas da América Latina, diz João Hélio Mendonça que "são divindades naturais do Brasil aquelas que representam personagens resultantes da fusão de ideais sobre o aborígene brasileiro, com as tradições africanas, como os caboclos Pena Verde, Sete Serras, Tupinambá, Zé Pelintra, etc. Ainda a registrar os ve-



lhos escravos que não cumpriram toda a sua missão na terra e foram santificados pelo sofrimento, como Pai Joaquim, o Velho Lourenço, Pai João e Pai Tomás".

Em todos os terreiros de xangô do Recife, por exemplo, as figuras de Pai Velho — geralmente feita em gesso pintado de preto, com roupa paupérrima e o clássico cachimbo — são encontradas, junto a estátuas de Iemanjá — sempre bela e vestida num longo azul (possivelmente para revelar o seu domínio sobre as águas) — e a imagens de Nossa Senhora da Conceição ou de Nossa Senhora do Rosário. Aliás, Nossa Senhora do Rosário é conhecida também como protetora dos escravos. Por isso mesmo, foi fundada no Recife, no século passado, uma igreja, no bairro de Santo Antônio, em louvor a Nossa Senhora do Rosário, pelos pretos escravos. Segundo alguns historiadores, até mesmo sessões de xangô, no século passado, eram realizadas na igreja, assim como festa profano-religiosa, todas patrocinada pelos fundadores do templo. Essa igreja tem o nome de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Umbanda e crescimento

Ainda, diz o sociólogo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, que "a linha de Umbanda hoje é tão forte que supera os terreiros de cultos nagôs, originalmente africanos. Também o pouco contato com a África, as pressões dos grupos sociais, e muitos outros fatores e diversidades, vêm contribuindo para que os grupos afro-brasileiros se tornem menos ortodoxos nos rituais e até mesmo na própria crença".

Acrescenta, também, que com "o crescimento desses cultos afro-brasileiros, onde os crentes têm participação direta no sobrenatural, vêm se completando e ampliando as tantas modalidades de expressão religiosa no Brasil, sem dúvida, um País de muitas misturas e de muitas mudanças".

Problemas
Apesar da sempre crescente adesão aos rituais do xangô no Brasil, nem sempre os seus praticantes tiveram apoio total e completo da sociedade. No início do século, por exemplo, eles eram vistos com muita reserva e as suas cerimônias eram mesmo proibidas pela polícia, que tomava a atitude de prender as pessoas que fossem surpreendidas nos seus rituais. Os toques, a zoeira dos tambores e as cantorias dos participantes não agradavam a certas áreas da sociedade, sobretudo àquelas mais aristocráticas e tradicionais, que exigiam punição para as pessoas que se metiam nos xangôs.

Pouco a pouco, entretanto, o problema foi diminuindo. A sociedade brasileira começou a sofrer radicais transformações. Pessoas de origem humilde, e que cresceram se identificando com os toques dos terreiros foram assumindo papel de importância na sociedade. Famílias inteiras deixando os barracos e os morros, em virtude das transformações da economia, ficavam ricas, assumiam papel de relevância na sociedade, e tomavam os postos de comando. Mesmo assim, não esqueciam as suas origens, não esqueciam os seus santos protetores, muitos desses santos "participando" diretamente na influência da riqueza, sendo solicitados para que a "vida apresentasse melhorias". Voltam aos xangôs, a seus santos, aos pais e mães-de-santo.

Daí porque a rigorosa perseguição policial começou a deixar de existir. Os pais e mães-de-santo podiam exercer livremente, através apenas de uma licença especial da polícia, as suas atividades religiosas. Entretanto, ainda hoje existe uma exigência: os toques não podem ir além das 22 horas. Uma medida certa. Os toques, às vezes, interrompem o sono, assustam as crianças.



Reitor Professor Marcionilo de Barros Lins
 Vice-Reitor Professor Rômulo Maciel
 Pró-Reitor Comunitário Professor Armando Ribeiro Samlco
 Diretor do DEC Professor Marcos Albuquerque
 Redator-Chefe Manoel Neto Teixeira
 Repórteres Raimundo Carrero
 Ângelo Monteiro
 José Carlos Targino
 Repórter-Fotográfico Maurício Coutinho
 Diagramação Josias Florencio da Silva

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

Livre-Docência

O deputado pernambucano Marco Antonio Maciel apresentou projeto, na Câmara Alta, sugerindo nova redação ao parágrafo único do art. 1º da Lei nº 5.802/72, revogando, consequentemente, a Lei nº 6.096/74, com o que seria reduzido o prazo de 5 para 2 anos ininterruptos de magistério, e de 10 para 5 anos de diplomado, como condições para inscrição em concurso de livre-docência.

A justificativa do parlamentar tem o seguinte teor:

Como se sabe, entre as exigências ditas pelo Conselho Federal de Educação, quando se reformularam as normas de organização e funcionamento do ensino superior, aquelas que se referiam à qualificação do corpo docente dispunham que o título de Mestre ou Doutor, obtido em curso credenciado, constituía requisito para a inscrição em prova de habilitação à docência livre. Dispunham também que a formação e o aperfeiçoamento do pessoal docente de nível superior obedeceria a uma política nacional e regional definida pelo mesmo órgão colegiado e promovida por meio de uma Comissão Executiva em cuja composição deveriam incluir-se representantes do Conselho Nacional de Pesquisas, hoje transformado em Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; do Conselho Federal de Educação; do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, hoje Secretaria do Planejamento; do Fundo de Desenvolvimento Técnico Científico; do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação e das Universidades.

Embora as determinações da Reforma devessem vigorar a partir da publicação da lei, ocorreu que o número de cursos de pós-graduação, considerados stricto sensu, cresceu vagarosamente, não só por notória

falta de docentes do mesmo nível, como também de recursos materiais por parte das Universidades e pelos naturais entraves encontrados no atendimento das normas para credenciamento dos cursos de Mestrado e Doutorado. Em consequência, através de lei, admitiu-se que, durante o prazo de dois anos (de setembro de 1972 a setembro de 1974), candidato não portador de título de Mestre ou Doutor, mas que contasse 5 (cinco) anos ininterruptos de magistério ou 10 (dez) anos de diplomado em curso superior, até 1969, pudesse candidatar-se à livre-docência.

Em que pesem os esforços do MEC e de muitas instituições de ensino, em 1974 a situação permanecia quase a mesma: algumas universidades tiveram que recorrer a professores de outros Estados ou mesmo do exterior, o que implicava, como decorrência, em sensíveis despesas. Em face destes motivos, presume-se, em fins do ano acima referido promulgou-se outro ato legislativo, prorrogando novamente o prazo estabelecido, até setembro de 1976.

Objetiva-se, assim — em vista das dificuldades que persistem na qualificação do pessoal docente de nível superior — através desta proposição, diminuir o prazo de 5 (cinco) para 2 (dois) anos ininterruptos de magistério, e baixar para 5 (cinco) anos de diplomado, os 10 (dez) anos estabelecidos em lei, para concurso de livre-docência. Intenta-se, para esse fim, dar nova redação ao Parágrafo único do art. 1º da Lei nº 5.802, de 11 de setembro de 1972, incluindo, no texto, os dois anos prorrogados em virtude da Lei nº 6.096, de 5 de setembro de 1974.

Fixa este projeto, é o que se pretende, prazos mais justos que os anteriores — arbitrados, de resto, aleatoriamente, sem prévio conhecimento dos interessados — ampliando-se, também, em benefício das próprias universidades, a faixa dos amparados pelo remédio do legislador.

O artesanato da gaiola em pesquisa



No Nordeste, a atividade artesanal é ampla e variada, constituindo meio de subsistência para milhares de famílias. A madeira, o barro, ferro, couro são os principais elementos que servem de matéria prima ao artesão. O gaioleiro, isto é, o artesão da gaiola, encontra também mercado consumidor, quer na zona rural quer na urbana, embora não se tenha dispensado a atenção que está a merecer. É que os olhos do público, principalmente os do criador de pássaros, se voltam apenas para a utilidade da gaiola. Entre as diversas pesquisas programadas para este ano, pelo Departamento de Extensão Cultural da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da U.F.Pe., figura um levantamento sobre a atividade artesanal da gaiola,

na área do Recife, pesquisa cujos resultados serão aproveitados pela Divisão de Museu do DEC, que começa a reunir dados e objetos com vistas à instalação definitiva do futuro Museu da Universidade.

João Gomes da Silva, um homem do povo que mora no bairro proletário de Tepló — a sua rua tem um nome belo: Alto do Céu — foi solicitado pelo DEC para participar dessa pesquisa, considerando ser ele um especialista na matéria e que mantém amplo relacionamento com os artesãos da gaiola, na capital pernambucana.

DISTINÇÃO

João Gomes faz uma distinção entre o artesão da gaiola e o criador de passarinho. Explica que nem sempre o artesão é ao mesmo tempo criador de pássaros. O primeiro tem como preocupação primordial fazer a gaiola, encontrar mercado consumidor e, consequentemente, garantir a sua subsistência e de seus familiares. Já o segundo não tem essa preocupação — salvo os que fazem comércio, aprisionando as aves, indiscriminadamente, para vendê-las nas feiras livres, infringindo a Lei de Proteção aos Animais.

Criar pássaros requer conhecimentos específicos no que diz respeito aos tipos de alimentação e de gaiola — este tem influência direta na plumagem —, ambiente e vitaminas necessárias à preservação da saúde e consequentemente ao equilíbrio emocional do pássaro, principalmente quando se trata de canário de briga.

Entre outros fatores que levam uma pessoa a criar passarinho figura o aspecto afetivo, a comunicação que passa a ser estabelecida, a partir geralmente do momento em que a ave começa a esboçar reações de alegria, quando seu dono, ou a pessoa que lhe dispensa cuidados, se aproxima da gaiola, e ela canta, manifestando contentamento, algo que transmite a quem somente encontra explicação se encarado como mistério da própria natureza.



A imoralidade no teatro de Cordel

Recebemos uma carta do poeta de Aracajú, o amigo Manoel d'Almeida Filho, surpreso com a denúncia do seu colega da Bahia, o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, de que "os Teatros de Cordel estão levando para a imoralidade as suas apresentações e distorcendo ou desvirtuando a figura do trovador popular". Pedimos ele para investigar se isto está acontecendo.

Nunca assistimos a nenhuma peça e nem conhecemos este tipo de espetáculo; apenas tomamos conhecimento das declarações de Eudes de Carvalho, um dos seus integrantes, referindo à adaptação dos folhetos: "A Sedutora Maldita"; "A Moça que Mordeu a Careca de Santo Antonio"; "Lampião no Céu, Inferno e Sertão"; "Antonio de Lisboa e a Serela do Fundo do Mar"; "São Jorge Contra os Invasores da Lua"; "A Moça que Beijou um Jumento pensando em Roberto Carlos"; por Orlando de Sena, disse que este teatro "abriu uma porta à dramaturgia brasileira", além de sua finalidade como pesquisa cultural, antes de sua estréia no Teatro Palol.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de dar crédito às denúncias do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante e de apoiar a sua campanha, para evitar esse abuso. Conhecemos de longas datas a sua luta para evitar a pornografia na poesia popular, com a sua "Guerra ao Imoral", onde o poeta dizia para seus leitores, ao referindo ao Primeiro Congresso de Trovadores e Violadores, de Salvador, em 1955: "que uma das finalidades deste Congresso era combater a licenciosidade. Não é possível continuar este estado de coisas. O Brasil inteiro está repleto de literatura imoral, como revistas ilustradas com clichês de venus, tipo "Eva" e cadernos cheios de pladas indecentes, com felas licenciosidades. Os trovadores do Brasil, depois de se fillarem a sua Associação, não poderão vender, publicar, editar, escrever livros ou cadernos desta natureza. Como podemos criar os nossos filhos se as ruas estão cheias de literatura indecente? Não é possível. Ontem eram os autores anônimos, que escreviam folhetos imorais para explorar os incautos, hoje não, é um mercado livre, e os verdadeiros trovadores estão deixando o ramo por causa disto. Não tenham o me-

nor receio, prezados colegas, combateremos, dentro das nossas possibilidades, essa literatura licenciosa. Para isso contaremos com o apoio das autoridades competentes. O trovador popular pode escrever as suas histórias em versos, os fatos mais importantes do país ou dos Estados, sendo criação própria de literatura sadia como fazem dezenas de colegas por aí fora. Toda crítica é cabível, porém quando ela é escrita com decência, sem ferir a moral de quem quer que seja. Queremos ir longe, levando ao conhecimento do futuro associado para que amanhã não abusem dos seus direitos e dos direitos que a futura Associação dos Trovadores há de lhes assegurar".

E assim mais uma vez o velho Rodolfo, como um verdadeiro Quixote, é o primeiro a se levantar contra aquele, que quer desvirtuar a sua arte, que sempre blendeu com uma força de gigante.

LIÉDO MARANHÃO

Marcus Accioly e a Botânica Invertida: A árvore do poema nasce da folha

Nascido em 21 de janeiro de 1943, no Engenho Laureano, em Aliança, formado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, professor de Literatura em colégios do Recife, Marcus Accioly exerce, ainda, a função de Assessor Especial para Assuntos de Divulgação e Cerimonial da Reitoria da UFPE, depois de ter sido Chefe do Cerimonial do Governo Eraldo Gueiros. Publicou três livros de poesia: "Cancioneiro" (1968); "Nordestinados" (1971) e "Xilografia" (1974); o primeiro através da Revista "Estudos Universitários", o segundo pela "Imprensa Universitária" e o terceiro pela Companhia Editora de Pernambuco. Como apresentador da Orquestra Armorial de Câmara, acompanhado de seu irmão Nestor Accioly, recitou seus poemas por todo o Brasil.

1 — Que relação tem Sisifo, personagem mitológico, com a proposição poética encarnada em sua obra mais recente, "Sisifo"?

R — "Sisifo" é Sisifo e "Sisifo" não é Sisifo, ou melhor, "Sisifo" é, no mesmo ciclo, personagem mitológico e moderno. Assim como a sua pedra não para no rochedo, ele não cessa no tempo e, se o seu tempo é sem tempo, o seu espaço é sem espaço: o passado-mítico, o presente-real e o futuro-alegórico, caberiam dentro do Inferno, Purgatório e Paraíso literário. Ele é hoje um resultado da imaginação anterior e posterior. "Sisifo" encarna Sisifo, o homem e o poeta. Proponho, portanto, as três dimensões de Sisifo ou "Sisifo" em três dimensões.

2 — Você pretendeu, com este último livro, fazer uma ruptura com seu regionalismo anterior de "Nordestinados"?

R — Não propriamente uma ruptura. Explico: quando eu era menino, gostava de jogar uma pedra na água e observar o desenvolvimento dos círculos: o primeiro em torno da pedra, o segundo em torno do primeiro, o terceiro em torno do segundo e, assim, infinitamente. Ora, após cantar (em redor da pedra) o primeiro círculo ("Cancioneiro") passei ao segundo ("Nordestinados") e ao terceiro ("Xilografia"). Agora é o quarto círculo: "Sisifo". Dentro de uma progressão, poderia relacionar os três primeiros livros aos três estágios de minha idade. "Sisifo" seria o início e o fim da mocidade. Decerto, como no soneto de Machado, tenho mudado com os natais. Tal mudança, porém, não implica em rompimento. Não rompi com o meu regionalismo nem o meu regionalismo rompeu comigo. A minha poesia continuará — como diria Neruda — regional, dolorida e chuvosa. Mas, cada novo livro há de estar em um novo círculo e cada novo círculo será um resultado e uma dilatação do anterior. Plagiar a si próprio é pior que copiar os outros. Um maneirismo é uma criação esgotada. A única coisa que um autor pode repetir em outra obra é o seu nome na capa. O poeta tem que ser ele todo, para que ele seja ele mesmo.

3 — É verdade que você adota um procedimento poético, do mais clássico ao mais moderno possível, em relação a cada canto de "Sisifo", o livro de poema mais espesso, escrito no Brasil, depois de "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima?

R — "Do mais clássico ao mais moderno possível" existe um caminho a percorrer. Em relação a "Sisifo", o próprio limite do possível é extrapolado, ou seja, o procedimento que adotei vem do clássico mais impossível ao mais impossível moderno. Nela, sobre o poeta e sobre o homem, há — como na frase de Camus — sempre o peso do passado e do futuro. Alguns autores têm abandonado, esquecido ou negado um tempo, uns acendem no ontem a lanterna de Diógenes ou de Aladã, outros revolvem — no dizer de Mayakovsky — a merda fóssil de agora e, finalmente, outros na vanguarda do tempo — segundo César Leal — sopram trombetas das 6 às 6. Ora, eu apenas preferi um tempo inconspicuo no meu tempo, pois nele há limpidez, fêzes e trombetas.

4 — Você acha que essa mudança de caminho enriqueceu ou quebrou a organicidade de sua obra poética?

R — Toda mudança constitui uma certa quebra e nem toda quebra um certo enriquecimento. Mas, por outro lado, se o autor tem o dever de organizar cada obra, não possui, como plano poético, a obrigação de arquitetar o conjunto da sua obra (que a vidência do poeta se torne a evidência do mundo e não a sua própria evidência) além do mais, o mundo de hoje já não é o de ontem, nem o de amanhã será o de hoje. Significa que a própria mudança é um fato natural que independe da vontade do autor, cujo único ofício é cantar o mundo. Só as biografias póstumas possuem rótulos definitivos. Quando alguém diz (é sempre melhor que outros digam) sou poeta, diz, automaticamente: sou um livre criador de leis infinitas. Fechar-se dentro de si não é o mesmo que fechar-se dentro de uma idéia e a



circunstância de se estar limitado pelo mundo não é a de limitar o mundo. Porventura não foi Virgílio o mesmo poeta das "Geórgicas" e da "Eneida"? Houve alguma quebra da obra lírica para a época de Camões? Jorge de Lima, não foi, ao mesmo tempo, diversos poetas? Quem foi Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos? Há outro ponto de vista: a história da literatura tem apontado um sem-número de autores que cultivaram vários gêneros literários. É de se perguntar: Goethe foi poeta ou prosador? Garcia Lorca foi teatrólogo ou poeta? T. S. Eliot foi poeta ou crítico? A organicidade de uma obra poética só se quebra quando o poeta deixa de escrever poemas e, como o iluminado Rimbaud, se torna mercador de escravos e carga, sobre o ventre marcado, oito quilos de ouro.

5 — Como conseguiu conciliar a utilização das normas clássicas de Homero até Dante, passando pelos trágicos gregos com a aceitação das vanguardas que ainda não se firmaram no solo da tradição?

R — A tradição é uma fonte. Outra coisa é o rio. Conservar a tradição como tradição é parar a história ou inverter o tempo. Escrever sem uma raiz clássica é o mesmo que plantar uma árvore no ar. Não há meio-termo: a tradição vem do primeiro número até onde estamos e, de onde estamos até o número último, é a imaginação. Os movimentos literários sempre têm rompido com o passado próximo e se ligado ao passado remoto. Tão detestável como o Parnasianismo hoje é o movimento mais recente, que não saiba do ontem. Ora, ficar nela (tradição) ou — como diríamos em outra língua — na dela é sair da nossa. Por outro lado, tecer, no presente, a transa do futuro sem passado é andar meio-caminho. Convém não esquecer que poesia (poiein) significa criação e que também foram os poetas que criaram a tradição. O ofício do poeta moderno resulta na invenção das vanguardas que o tempo dentro da nossa época firmará ou não sobre o tempo. Mas, sabemos ninguém cria nada de nada nem escreve palavra sem alfabeto. Claro que no campo da arte nada deve ser provado como no campo da ciência. O criador não pode ser jamais um reacionário (o que fará um homem quadrado dentro do mundo redondo?) de formas e conteúdo. Por isso, para mim, a tradição tem pernas, assim como a imaginação tem asas.

6 — É verdade que você nega, atualmente, um livro de poesia como coleção de poemas, exigindo que ele traga, ao contrário, a unidade de um poema épico do passado ou de uma obra de ficção do presente?

R — Livro de poesia, hoje, é sinônimo de coleção de poemas e, às vezes, até de alguns versos. Os cultuadores da inspiração altíssima inesperada (poesia=sentimento) quase acabaram, ao combater os versos de fôlego, com o fôlego dos livros. O poeta Mário Quintana diz, com alegre ironia que os livros deveriam trazer, nas páginas um maior espaço branco para a garatuja das

crianças. Mais famosa é a observação de Edgar Allan Poe sobre a impossibilidade de se escrever um poema longo, porque um poema longo — diz ele — é, no melhor dos casos, uma série de poemas cujos alinhavados. Porém, são demasiadamente oportunas as palavras de T. S. Eliot sobre Edgar Allan Poe: "O que devemos ter presente é que ele era incapaz de escrever um poema longo". Ora (sempre fui capaz de afirmar mais coisas do que negar) as obras modernas de ficção não parecem ter necessariamente, uma unidade. Em contrapartida, um poema épico do presente não poderia ser, com relação a sua estrutura, um poema épico do passado. O problema, a meu ver, tem — como diria Drummond — outra rima e solução. Por exemplo: um haikai é, como se sabe, uma espécie de terceto, ou seja um haikai é uma composição (de origem japonesa) com três versos de (5) cinco, (7) sete e novamente (5) cinco sílabas poéticas. Um poeta lírico pode encerrar a sua emoção dentro de um haikai ou de um terceto mas, para cantar o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, Dante escreveu todos os tercetos da "Divina Comédia". O fato da "Comédia" de Dante ser infinitamente maior que um haikai de Bashô, não quer dizer que Dante seja infinitamente maior que Bashô. Antes, significa que Dante não era Bashô. Cabe ainda lembrar que uma obra fragmentária pode compreender uma qualquer unidade íntima e que uma peça única pode apresentar certa fragmentação de espírito. Portanto, o mesmo fato que me levou a conceber um livro como um poema só, talvez me leve a escrever um outro livro onde haja, no mesmo tempo, todos os assuntos, todos os gêneros e formas literárias.

7 — Que dificuldade você vem enfrentando para a publicação do seu livro, principalmente no sul, dada a espessura do volume (500 páginas) e diante de um campo editorial altamente comprometido com o gosto equivocado do grande público?

R — A dificuldade do poeta começa em escrever e não acaba em publicar. Aqui se fariam necessários dois versos de João Cabral de Melo Neto: "É difícil defender/só com palavras, a vida". O poeta (para ser poeta) tem que realizar uma série de ofícios paralelos ao seu ofício verdadeiro. A poesia está a exigir-lhe toda a vida e a vida está a exigir-lhe todo o tempo. Contudo, quando ele realiza o que poderíamos chamar de sonho, surge outra realidade: a publicação do sonho. Quando esta tarefa é, finalmente, realizada, há o problema do leitor ou, para usar as suas palavras, o gosto equivocado do grande público. O pior de tudo é que o único prazer do poeta é a criação. Ele vive para ela e existe para o resto. É o mesmo lema dos navegadores antigos — "Navegar é preciso; viver não é preciso" — transformado por Fernando Pessoa: "Viver não é necessário; o que é necessário é criar".

O poeta que é capaz de inventar o tempo é incapaz de inventar, como Gutenberg, a imprensa. Quanto mais inventivo e esquivo for um livro de poesias, mais difícil será a sua publicação. O trabalho tipográfico quer, cada vez mais, um artesanato, uma recriação. Arte-gráfica não é uma expressão à-toa. O escritor moderno precisa alcançar o campo ótico e óptico do leitor. Aqui a botânica é invertida: a árvore do poema nasce da folha. O caso teórico se complica na prática quando um editor confia no poeta, desconfiando do gosto do público e (a recíproca é verdadeira) quando desconfia do poeta pode confiar no gosto do público. Não quero citar (não caberiam na página) exemplos. Mas, em verdade, o gosto equivocado do público é provocado pelo gosto equivocado de alguns editores e (por que não dizer?) de alguns autores. A boa propaganda vende o mau produto. Quem, neste século, não se equivoca e fica mal-acostumado ao que não presta? Minhas (coloque no plural) dificuldades de publicação devem ser as mesmas dificuldades de todos os poetas (principalmente os novos) acrescidas de quinhentas (500) páginas cheias de símbolos, signos, desenhos-gráficos, poemas (polissignos) de três faces, etc.

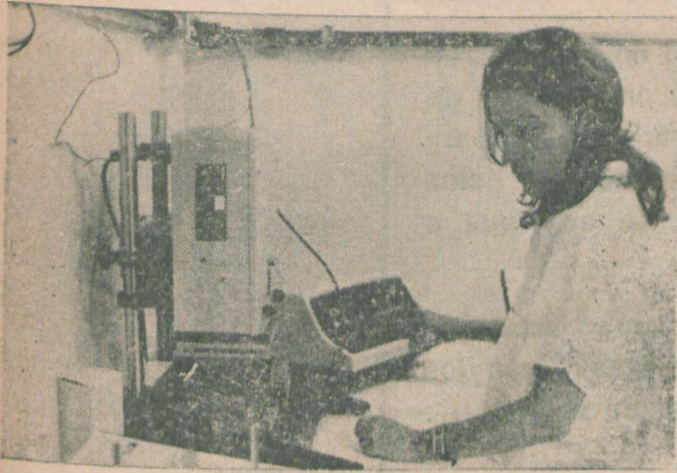
8 — Por que você escolheu um personagem grego como Sisifo, em vez de um personage

gem brasileiro? Essa foi, de sua parte, mais uma forma de ruptura com o regionalismo?

R — Escolhi um personagem que pudesse marcar o início e o caos da nossa civilização. "Sisifo" é uma espécie de Adão (com a diferença de ter sido criado pelos homens) ocidental. Claro que, através de uma (licença poética) ficção, eu poderia deslocar, no tempo e espaço, um personagem brasileiro. Porém, tal recurso (como Dido de Virgílio) já não seria moderno. Além do mais, o Brasil, como toda a América Latina, tem sentido o impacto e a influência da colonização do mundo. Somos o público de um teatro onde participamos como atores. Sofremos os nossos e sentimos os problemas alheios. Significa dizer que vivemos o que somos e que não somos. A nossa realidade se tornou cosmopolita sem que ainda fosse cosmopolita. Houve, de súbito, uma necessidade de acompanhar o mundo e se comunicar com ele. Nosso universo pacato (como o sapo na fábula do poço) foi invadido por coisas tão estranhas como habitantes de Marte. No momento em que o mundo tentava extrapolar as galáxias, tivemos que extrapolar o mundo e o nosso sonho. A televisão por exemplo, empurrou hábitos, usos, costumes, países, notícias pelos nossos olhos e ouvidos. Começamos a abrir a boca diante das propagandas alimentícias e a respirar o ar de todo o planeta. Houve uma ruptura? Eu diria que não. Houve um novo início e, dentro dele, começamos o futuro que se fez, no mesmo tempo, passado e presente. O mundo — como o sonho para John Lennon — havia acabado, era preciso recomê-lo. Um zero estava no fim e um dez no princípio: a contagem da terra era regressiva. Ora, um brasileiro poderia dizer do seu sentimento, jamais da sua experiência mundial. Exemplo: o que diríamos da guerra que não tivemos e que sentimos como se fora na carne? Que Riobaldo saberia da jagunçagem açômica? Há outro registro mais recente: enquanto as mães brasileiras procuram adotar as crianças vietnamitas, algumas vezes se alteiam contra tal atitude que classificam de demagógica e publicitária. Creio — e todos hão de convir — que há mais publicidade em matar mãe que em salvar uma criança. O que aconteceu é que as mães brasileiras (através do sentimento de humanidade de que nos fala John Donne) são as mães vietnamitas. Elas partem do sofrimento universal e, diante dele, esqueceriam não só o abandono dos seus menores, mas até os seus legítimos filhos, por terem se tornado, como diria Whitman, as mães do mundo. Portanto, "Sisifo", saido do inferno mitológico (tão semelhante ao mundo de hoje) e rolando desde o início da cultura ocidental, a sua pedra ou a sua bomba, é, ao mesmo tempo, o mito-herói, homem e poeta que sabe o fim da montanha e sempre volta ao seu princípio. Ao alcançar o alto ele, através do tempo invertido por uma teoria poética, regressa à origem. Sobre a sua existência cíclica, também pesa o sentimento da civilização oriental assim como o de outros mundos possíveis. Como não é um personagem lírico, a sua visão não é a dos olhos do seu autor. Ele acumula o olhar de todos os números e, ao expressar-se em nossa língua, também conhece as palavras da babel. A sua montanha é como o sub-ir-da-montanha de Einstein e a sua pedra será o acréscimo de mais uma pedra, mineral e viva como uma estrela no pincaro.

9 — Como descreveria o fenômeno poético e a missão do poeta no mundo?

R — O fenômeno poético é um desejo irreprimível de extravasamento e comunhão. Na juventude romântica, a poesia (como a tuberculose) era "o mal do século". Tal sentimento, tinha uma origem e uma descargada interior. Na juventude moderna, a angústia de por para fora, também vem de fora, ou seja, também é exterior. O poeta já não sofre por si próprio, mas vive acossado pela máquina-do-mundo e, contra ela, de carga no punho das palavras. Aqui — como na frase de Sartre — o inferno são os outros. O poeta é uma espécie de objetivo (de não exposto) a ser atingido. Ele é o ponto mínimo do alvo e, entre os números das hímnes, parece rodar no centro dos círculos. É a moça, presa na teia do alvo, cujo voto é abafado pela aranha-do-mundo. Contudo reconhece — como André Breton — que a violência é o único meio adequado de expressão. Mas, não apenas reconhece, como utiliza a violência contra a violência. Sei que tal teoria pode parecer uma imbecilidade, porém a própria vida é a prática. A missão do poeta — feito Carlito — é ser o dzer pelos outros. Seu compromisso é com o tempo e o seu mundo (embora ele aceite outro mundo esq ritual) é este mundo e não um ver, o particular onde possa encerrar um orgulho superior. Quando ele pensa, como Baudelaire, que no mundo moderno não há mais lugar para o artista, também sabe que, no mundo moderno também não há mais lugar para o homem. A arte sobrevive enquanto o homem sobreviver e o homem sobreviverá enquanto a arte sobreviver. Por isso, envolvido na luta, ele, poeta e homem, partilha, porque já não é possível colher as flores do mal. É necessário plantar as outras flores.



Jovens estudantes absorvem a maior parte do tempo pesquisando, procurando encontrar, nos laboratórios, suas vocações, sua ambição de conhecimentos, sua curiosidade intelectual ou científica.



Muita gente ainda mantém a concepção de que o pesquisador é, geralmente, "o velho barbudo, com lentes grossas, que tanto pode estar perdido entre empoeirados arquivos, remexendo livros e documentos, como manuseando números e fórmulas científicas, ou debruçado sobre as lentes do microscópio, atento ao movimento de um microorganismo qualquer".

Essa imagem pode desaparecer definitivamente, para quem visita os laboratórios da Universidade Federal de Pernambuco: juntamente com os cientistas mais experientes e que somam mais anos, longos anos dedicados às investigações científicas, considerável número de jovens absorve a maior parte do seu tempo pesquisando, quer como estudantes, quer já na condição de professores recém-ingressados como tal, ou de pesquisadores.

INTERESSE

A pesquisa é mesmo intencionalmente procurada pelos jovens, que nela buscam exercer sua criatividade, sua ambição de conhecimentos, e saciar sua curiosidade intelectual ou científica. A prática dos estágios em laboratórios, nas diversas disciplinas, tornou-se uma constante, atraindo o interesse das novas gerações. Daí a ênfase dos administradores no sentido de adquirir equipamentos modernos, celebrando convênios com instituições nacionais e estrangeiras, dentro de uma visão dinamizadora.

Esse interesse justifica-se ao mesmo tempo, pela necessi-

JOVENS ATRAÍDOS PELA PESQUISA UNIVERSITÁRIA



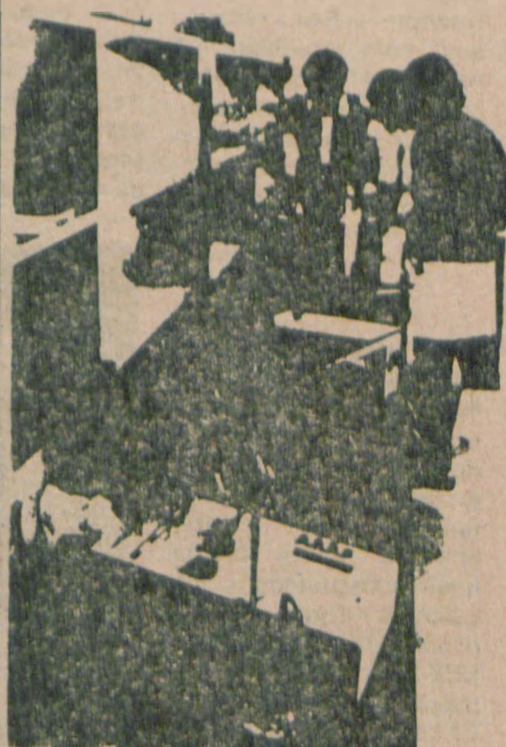
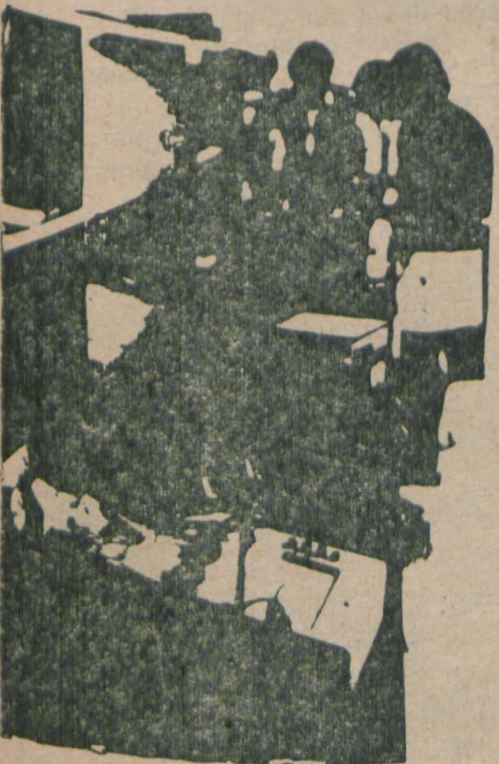
dade de ampliação das atividades de pesquisa, como fator preponderante para o desenvolvimento das comunidades. Cabe à Universidade a iniciativa e o comando da mesma, como o centro da ciência e do saber dos povos modernos.

RENÚNCIA

Há quem aceite o argumento de que o maior entrave a uma participação mais ampla e ativa de pesquisadores jovens, nos programas universitários, seja o problema de subsistência, porquanto fazer pesquisa exige, na quase totalidade, tempo integral. Por isso, já existem no Brasil diversos programas de apoio e incentivo a pesquisadores, principalmente na alçada do Ministério da Educação e Cultura.

O fato de os jovens, em grande número, escolherem a pesquisa, pode ser visto como um exemplo de que ela reflete uma atividade absorvente, por sua própria natureza, exigindo das pessoas que a tanto se dedicam, principalmente quando jovens, a renúncia a uma série de aspectos de suas vidas, para se fecharem nos laboratórios e bibliotecas.

É através da pesquisa que muitas vocações de cientistas passam a ser reveladas nos laboratórios das Universidades. A Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, tem estimulado a participação de jovens estudantes e professores que se iniciam no Magistério, o que pode ser comprovado através da ampliação das equipes, com novos pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento.

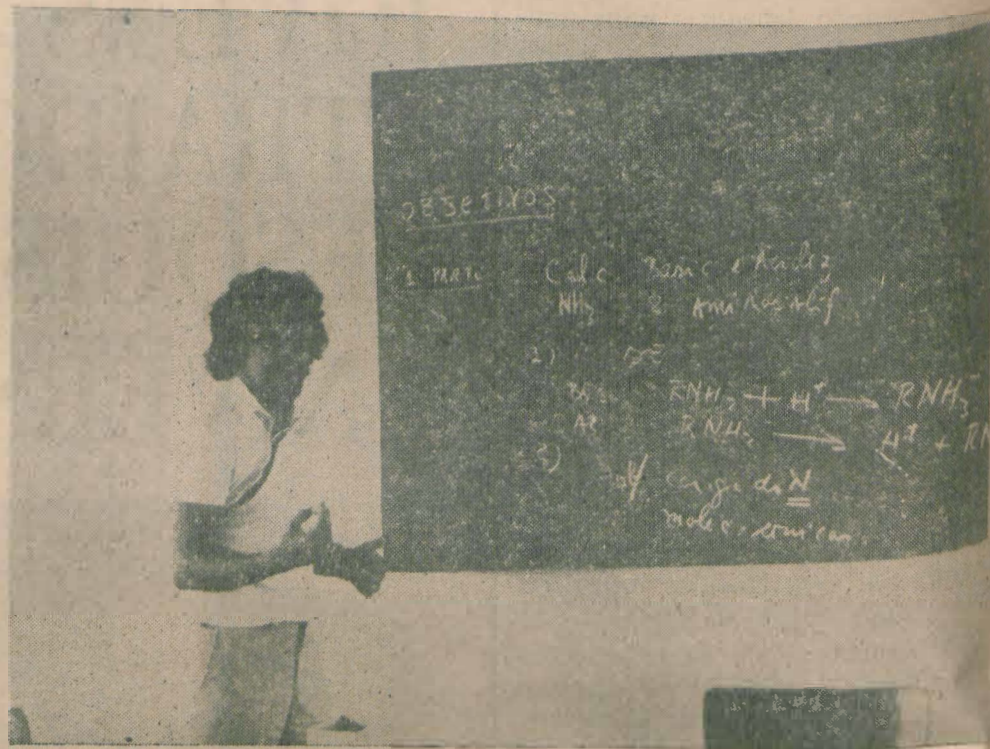




A Escola de Química continua preparando novos mestres através do Curso de Mestrado que conta com uma equipe de docentes de alto nível e com uma programação definida para funcionar regularmente. O nível das teses apresentadas pelos candidatos comprova a seriedade e o interesse com que a coordenação desenvolve o seu trabalho.

Dentro desse ritmo, mais um aluno do curso defendeu tese, em abril, enquanto outros ultimam pesquisas e estudos para apresentar os argumentos finais objetivando o título de Mestre em Química.

Mestrado de Química continua preparando novos especialistas



"Cálculos da Basicidade e Acidez Relativa de Aminas e da Acidez de Fenóis nos Estados Fundamentais e Excitados" foi o título da tese defendida pelo professor Newton César Viana Costa, da Universidade Federal do Ceará, visando à obtenção do grau de Mestre em Ciências pela Universidade Federal de Pernambuco (Escola de Química).

Orientado pelo professor Ira Mark Brinn, o candidato cumpriu brilhante performance, comportando-se com absoluta tranquilidade diante da pequena mas atenta platéia de professores e alunos, todos interessados na exposição feita pelo candidato, no auditório da Escola de Química onde, durante quatro anos, preparou-se como aluno do curso de Mestrado, objetivando a obtenção de tão honroso título. Finda a exposição, que obrigatoriamente tem a duração máxima de 60 minutos, Newton César respondeu com precisão às perguntas formuladas pela Banca Examinadora, constituída pelos professores Ricardo Ferreira (presidente), Tapan Das e Roy Bruns.

A tese

"A proposição deste trabalho foi calcular a basicidade e acidez relativa de uma série de aminas alifáticas, e a acidez nos estados fundamentais e excitados de vários fenóis mono-substituídos. Os cálculos foram feitos usando o método LCAO-SCF-MO, com a aproximação semi-empírica do CNDO/2 (Complete Ne-

glect of Differential Overlap), com algumas aproximações. Sendo que para as aminas, com base nas energias, testamos séries estudadas experimentalmente através da Ressonância Ciclotrônica de Ions (RCI) e verificamos também o efeito da carga sobre o nitrogênio, com relação às propriedades já indicadas. Para os fenóis mono-substituídos, cálculos foram feitos para os estados fundamental, primeiro singlete excitado e mais baixo tripleto. Os resultados calculados foram correlacionados com pK_a s experimentais, ambos em solução e em fase gasosa. Estas correlações são discutidas em termos da entropia da dissociação na fase aquosa", disse o candidato Newton César, agora Mestre em Química, explicando o real significado do seu trabalho.

Exigências

No julgamento de uma tese, os examinadores levam em conta o valor intrínseco do trabalho, o domínio do tema, o poder de sistematização, a qualidade da exposição e a capa-

cidade de tomar posição em fase da questão ou problemas apresentados, pelo autor, sendo exigida originalidade total ou parcial no campo do conhecimento em causa, devendo o trabalho ser inédito.

Obedecendo a determinações de uma lei neste sentido, ao candidato é concedido o prazo máximo de 60 minutos para fazer a exposição, de sua tese.

Na arguição, os examinadores se limitam à análise do seu conteúdo específico e à qualidade e rigor da exposição do candidato, devendo as objeções serem compatíveis com o tempo concedido ao candidato, para respondê-las.

Serão considerados aprovados os candidatos que obtiverem votos positivos de, pelo menos, dois examinadores.

Newton César foi o terceiro aluno da Escola de Química a obter o grau de Mestre em Ciências, pela própria Escola, privilégio anteriormente outorgado aos professores Alfredo Arnóbio de Souza da Gama, da UFPE, e Carlos de Carvalho Nascimento, da Universidade Federal de Sergipe.

Quando e como começou

Em 1972, com um programa de Físico-Química, teve início o Mestrado em Química da UPFE. Um ano depois, em agosto de 1973, foi iniciado o programa de Química Orgânica, mas no início de 1974, por proposta da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, deu-se a fusão dos dois programas, passando a existir apenas um curso, com a denominação atual.

Visando uma maior objetividade e ainda como consequência da fusão, o currículo foi modificado. Foram suprimidas algumas disciplinas relacionadas com as áreas de Química Orgânica e Físico-Química, substituídas por disciplinas correspondentes às áreas de Química Inorgânica e Química Analítica.

"Desse modo, teríamos realmente um Mestrado em Química, permitindo uma grande diversificação de currí-

culos, o que é desejável na Pós-Graduação", afirmou o professor Alexandre Schuler, coordenador do Mestrado.

As disciplinas

Mais tarde, reconhecendo a necessidade de proporcionar uma formação básica comum a todas as áreas e, conseqüentemente, permitir uma maior afinidade entre o tema da tese e o currículo de cada aluno, as disciplinas do Mestrado foram agrupadas da seguinte maneira: Orgânica Avançada, Analítica Avançada, Inorgânica Avançada, Cinética Química, Estudo de Problemas Brasileiros e Seminários de Mestrado.

Após a obtenção dos créditos correspondentes às disciplinas básicas, o aluno escolhe a tese e, em função desta, o orientador. Então, auxiliado pelo orientador, procede a uma nova escolha, ou seja, a do currículo que melhor suporte ofereça aos

seus trabalhos de elaboração da tese.

Dentre as outras disciplinas que o aluno deve cursar, algumas deverão ser específicas da área de concentração por ele escolhida, embora isto fique a critério do professor que irá orientá-lo.

"Para conseguir realmente oferecer um Mestrado em Química com aquela diversificação de disciplinas, era preciso ampliar o corpo docente. Somente assim abrangeríamos todas as áreas de concentração. Para isso foi desenvolvida uma política de seleção de candidatos a docentes que permitisse a tão almejada diversificação", concluiu o professor Schuler.

O curso conta atualmente com 17 professores — nove são Doutores (ou Ph. D.), enquanto oito são Mestres em Ciências —, havendo previsão para um total de trinta professores pós-graduados, até fins de 1976.



TV Educativa e sua função social

Cabe à Televisão Educativa, na era das comunicações, uma função transformadora na sociedade moderna. Numa época em que os meios de comunicação podem exercer uma padronização cada vez maior no comportamento humano, condicionando as pessoas a ver o mundo em termos das alternativas do consumo, empobrecendo o horizonte pessoal e nivelando, por baixo, valores e contra-valores, — A TV Educativa deve ter uma missão especial. Na impossibilidade de, numa sociedade tecnológica, o Homem manter-se livre de condicionamentos, é importante que, pelo menos, ele adquira um condicionamento superior aos apresentados por programas de baixo nível que, a pretexto de lançar os seus produtos comerciais, transformam o Ho-

mem num robô dócil às manipulações dos falsos comunicadores, que preferem escravizar o Homem dentro dos limites cada vez mais estreitos, de uma espantosa mediocridade, desde que os seus produtos estejam livres para o consumo cada vez mais ávido das multidões condicionadas pela propaganda.

A Universidade Federal de Pernambuco, através de sua Editora Universitária, lançou, em 1970, um livro de singular importância sobre os princípios da comunicação pela TV. O livro, da autoria de Theresa Catharina de Góis Campos, é intitulado: "A TV nos tornou mais humanos?" Segundo a autora, "a expressão TV Educativa deveria ser um pleonasma. Entretanto, o conceito mais difundido de TV Educativa pare-

ce associá-la exclusivamente a programas-aulas, a transmissão de cursos e conferências. Nada mais enganoso ou parcial. O que torna uma estação educativa são os seus objetivos, e não os tipos de programas que apresenta aos telespectadores. Uma TV Educativa supõe uma programação de alto nível — técnico, profissional e cultural — a serviço do Homem e da comunidade; supõe programas variados, desde os noticiários, às conferências científicas, os filmes documentários, ao teatrinho de fantoches que tanto diverte a criança. Considerando-se o profundo significado das comunicações, sua influência e a necessidade de empregá-las para construção de um mundo melhor, toda TV deveria ser educativa".

Astrogilda Fala Sobre Público Criador & Crítico

Astrogilda Paes de Andrade, com mestrado em Educação na Michigan State University (USA), realizado em 1972, e especializando-se em Educação Permanente, é professora de Educação de Adultos e Metodologia de Escola do 1.º Grau, na Faculdade de Educação do Recife. Manteve, de 1971 a 1972, um programa na TV-Universitária, "A Vez é Nossa", com objetivo de alfabetização de adultos.

Profundamente ligada à educação, e com alguma experiência, no gênero, em TV, assim define o que é uma televisão educativa: "Acredito na TV como recurso riquíssimo a ser utilizado nas atividades requeridas no processo ensino/aprendizagem. É, porém, limitado e nunca substituirá o professor, isto é, o facilitador da aprendizagem, pelo diálogo e pelo debate. A TV poderá ser utilizada, a meu ver, de muitas maneiras: para motivar, para assegurar o interesse, para tornar claro, para trazer para o ambiente escolar o que for mais raro. Mas, na minha opinião, nunca se poderá dispensar a dinâmica do grupo, desafiado, que discute para ser crítico e criador".



TV Educativa: aspectos culturais e instrucionais

A professora Janise Pinto Peres tem Mestrado em Educação pela Indiana University-Bloomington-USA e especialização em várias áreas, tais como Televisão Rádio Educativa e Supervisão. Com experiência docente no Curso Primário e em cursos de especialização e/ou aperfeiçoamento para professores, supervisores e diretores de ensino de primeiro e segundo graus, aprofundou-se em pesquisa educacional: planejamento, coordenação e execução de pesquisa. Conta, ainda, com os seguintes trabalhos publicados: Administração e Supervisão em Educação; Recursos Audio-Visuais; Tipo de Prova e sua Influência sobre os Alunos, vários relatórios de pesquisa e artigos.

Especializada, como é, no gênero, a professora Janise Pinto Peres assim interpreta a função de uma TV Educativa: "É preciso, antes de tudo, distinguir uma TV Educativa com objetivos simplesmente culturais, de uma que tenha objetivos instrucionais. No primeiro caso, praticamente, todos os tipos de programa se incluem, desde que eles sejam portadores de mensagens de enriquecimento para a clientela. No entanto, é preciso, ainda, levar em consideração as necessidades, os interesses e o nível cultural dessa mesma clientela, para que possa, realmente, atingi-la e enriquecê-la.

No caso da TV Educativa com fins instrucionais, temos duas alternativas: a utilização exclusiva da televisão como instrumento de ensino e a sua utilização como complementação de aulas.

Na primeira alternativa, há quase uma substituição do professor, o que não me parece o ideal. Por outro lado, exige uma programação altamente detalhada, uma vez que o aluno dispõe, para a sua orientação, apenas, dos programas apresentados e do seu material de apoio, havendo, por conseguinte, um maior risco de uma comunicação deficiente com o aluno. Um serviço de correspondência com o idealizador do programa poderá, no entanto, sanar um pouco a dificuldade aludida.

Quanto à segunda alternativa, parece-me mais eficiente, uma vez que há um orientador de aprendizagem em contacto com o aluno, durante a emissão, o que permitirá observar as suas reações e, posteriormente, realizar uma série de atividades que fixem as mensagens transmitidas e as esclareçam, se necessário. Há, portanto, menos probabilidade de distorção das mensagens por parte da clientela".



Quem deverá produzir os programas educativos

Para a professora Janise, "tratando-se de uma TV Educativa com objetivos meramente culturais, ou seja, sem ter finalidade instrucional, o produtor não precisa, necessariamente, ser um professor, mas é preciso que conheça a clientela, tenha uma boa base cultural e conhecimento da finalidade da educação, de um modo geral, e conhecimento dessa finalidade, de acordo com as leis educacionais vigentes no País. Atualmente, seria necessário o conhecimento, por exemplo, da Lei 5692, de 1971, que está regendo a educação nacional.

Já numa TV Educativa com fins instrucionais, as exigências seriam maiores. A meu ver, nesse caso, os produtores e apresentadores dos programas, especialmente os primeiros, deveriam ser professores de boa qualificação.

Em qualquer caso, seja na TV instrucional ou na TV cultural, são imprescindíveis, a meu ver, conhecimentos teóricos e práticos de produção em televisão".

Nova estrutura de trabalho preparada para a televisão para melhores conquistas

Em entrevista concedida ao JORNAL UNIVERSITÁRIO, o prof. Francisco Dário Mendes da Rocha, Diretor Geral do Núcleo de Televisão e Rádio da Universidade Federal de Pernambuco, faz uma análise da TV-Educativa no Brasil, pondo em destaque a importância da tecnologia aplicada ao desenvolvimento educacional. Suas declarações oferecem, ainda, uma visão da estrutura atual da TV-U e de seus verdadeiros objetivos.

TV. educa ou deseduca?

A pergunta enseja enorme gama de reflexões. Em termos simples, diríamos que em si mesma a TV não é positiva ou negativa. É apenas um veículo, um meio, uma tecnologia. Ninguém perguntaria se um quadro negro educa ou deseduca, porquanto é evidente que isto depende de como é utilizado. Em relação ao quadro negro, a TV é apenas uma tecnologia educacional mais sofisticada e de mais largo alcance, um eficiente meio de comunicação de massas. Os conteúdos programáticos da TV, estes sim educam ou deseducam: ora são uma escola de neuroses, ora um indutor de condutas positivas e aptidões intelectuais. A propósito, o Brasil com seus trinta milhões de analfabetos e com outros tão graves problemas educativos, terá de utilizar os meios de comunicação de massa, de maneira planejada, como alternativa viável.

Qual a orientação geral que será dada à programação da TV.U.?

A resposta obriga a algumas colocações iniciais. A TV.U. deve ser "utilitária"? Deve ser "pública"? Deve ser "cultural"? Deve ser "instrutiva"? Deve ser "escolar"? Deve ser "universitária"? Cada uma destas denominações, além de outras, é utilizada aqui e ali e se relaciona com a programação desenvolvida por emissoras ditas "educativas", isto é, que não têm interesses mercantis. A nossa preocupação é, independente de nominalismos ou nomenclaturas, definir uma programação que seja resposta à conjuntura estadual/regional. Fugindo a transplantes e imitações, a nossa programação se compromissará com aquelas áreas ou tipos de educação que conjuntamente estejam a exigir mais imediata ação das tecnologias de massa. A ciência e consciência dessa conjuntura desaconselham inversões responsáveis de dinheiros públicos com programação de tipo informativo e cultural, áreas já satisfatoriamente atendidas pelas TVs de tipo "comercial" e que geram pouco retorno. Optamos assim com convicção responsável, embora com o perigo de não parecermos criativos, por um ecletismo dual: parte educativa em sentido estrito (instrucional), isto é, destinada ao ensino formal; parte educativa em sentido lato, objetivando sempre uma mudança de atitude, como toda educação. Esta segunda parte, que não temeríamos chamar de complementar se levamos em conta as premências conjunturais, poderá ter o mais variado conteúdo (científico, artístico, etc) e mesmo ter o caráter de lazer. Mesmo neste último caso, o seu objetivo didático opõe-se à programação exclusivamente cultural de tipo refinamento ou puro entretenimento. Não adianta criar programas que, sob a capa de cultura, não estejam identificados com uma necessidade básica.

Qual o problema central para uma nova linha de programação?

Até o lançamento de uma programação que não represente apenas uma mudança em relação à anterior, mas que seja a concreção fática de uma filosofia, de uma auto-definição e de objetivos traçados, longo é o caminho e tortuoso e íngreme.

Analisando a experiência de vida da TV.U., pode-se, em largas observações, dizer que ela nasceu com certas diretrizes fixadas, mas com um pecado original: a superestimação do meio. Parece plenamente verdadeira a afirmativa desse lúcido João Batista de Oliveira, analisando os trabalhos pioneiros de teleducação no Brasil. "Apresentam um problema de nascença: os fins educacionais estiveram submetidos aos meios empregados. Não houve a preocupação de cria-

rem-se os meios a partir de um estudo dos objetivos". Assim, em que pese o extraordinário mérito pessoal dos pioneiros, aquelas diretrizes dos primórdios foram esquecidas, em vez de serem repensadas e redefinidas, supridas as compreensíveis lacunas das primícias. Cinco anos depois, ao sermos investidos no comando do órgão, verificamos que de objetivos ninguém sabia. Era preciso parar, retornar no tempo aos propósitos dos pioneiros, adequando-os às necessidades atuais. Esta a missão que nos foi entregue pelo Magnífico Reitor Prof. Marcionilo de Barros Lins e pelo Pró-Reitor a quem a TV.U. estava então subordinada, Prof. Armando Samico. Era preciso parar, paramos. Replanejar, replanejamos. Redefinir, redefinimos. Todo um trabalho de revisão, a partir das estruturas, dos métodos, das pessoas, da filosofia de ação, das metas e objetivos, das formas de integração comunitária e universitária. Todo um trabalho sério, analítico, planejado e silencioso que se está ultimando, e que visa exatamente dar condições ao órgão de ser um meio capaz de servir à educação prontificandose a servir de meio às entidades estaduais e regionais que dele precisem para mais rápido e eficiente atingimento dos seus objetivos.

A TV.U. é, então, apenas um meio?

Sim, é antes de tudo um meio tecnológico a serviço da educação, utilizável por todas as entidades (Universidades, Sudene, Secretaria de Educação etc) que dele necessitem. Isto que parece óbvio, posto assim claramente, retira da TV.U. inclusive, larga margem da culpa de ter sido, ser ou vir a ser mal utilizada ou subutilizada pelas entidades que têm objetivos e metas educacionais definidas e específicas. Estas entidades participam da culpa.

Esta sub-utilização deriva de que?

As entidades-clientes dizem ou insinuam geralmente que é por carência de verbas. No início do corrente ano procedemos pesquisa em todos os principais órgãos possíveis usuários de emissões da TV.U. e, invariavelmente, todos demonstraram múltiplos interesses de usar TV em seus projetos educacionais mas, ou não dispunham de verba ou, se a tinham, era insignificante. Por outro lado, a modernização do ensino esbarra amiúde na resistência dos organismos tradicionais, dos professores tradicionais dos diretores tradicionais, muito conveniente-

mente tradicionais. Mal sabedores de a educação que eles apregoam e praticam é um sistema "artesanal" que sobreviveu à Revolução Industrial mas que mais cedo ou mais tarde sucumbirá à Revolução Eletrônica.

E a má utilização em que consiste?

As mais das vezes a má utilização consiste em que o ensino tradicional é transposto para a TV. Isto corresponde a dizer que a riqueza do meio não está sendo aproveitada para a comunicação pedagógica. Sem uma visão coerente do processo de ensino-aprendizagem que é fornecida por essa ciência nova que se chama "Tecnologia Educacional", não se pode utilizar corretamente as tecnologias educacionais (meios).

Não pretende então a TV.U. concorrer com as televisões comerciais locais?

Não queremos incidir nesse erro. Nem poderíamos concorrer, por razões financeiras. A TV educativa não pode auferir benefícios financeiros pela transmissão de seus programas, ainda que não contemham propaganda. É obrigada, pelo Decreto-Lei n.º 236/67, a prover outros recursos. Sem considerar os méritos da solução oferecida pelo direito vigente, ela decorre dos próprios objetivos da TV Educativa. Enquanto a entidade comercial que explora um canal de TV tem o lucro como objetivo (e isto é de natureza do comércio), a entidade educacional ao explorar serviços de radiodifusão objetiva diretamente a educação (em sentido amplo ou estrito). A primeira orienta sua programação pelos índices de audiência — que valoriza financeiramente o produto e que é, assim, o seu objetivo condicionante. Se a atração do grande público é pelos dramas neuróticos, pelo mudo-cão, pela violência, satisfazem o sadismo ou o masoquismo do grande público, porque isto vende o sabão tal ou a margarina qual. A TV comercial tem assim as suas raízes plantadas filosoficamente na sociedade de consumo. Por outro lado, a TV educativa (de tipo instrucional, cultural ou o que seja) é compromissada com outros objetivos. A grande audiência não é a sua razão de ser.

Fala-se que V.Sa., preocupado com as bases administrativas, está implantando na TV.U. uma administração de tipo democrático. Em que consiste essa experiência?

A problemática administrativa dos meios de produção e de emissão de RTVE é de preocupações dos homens de televisão, porquanto parece óbvio que a administração teria, então, de ser dirigida com os modernos métodos de administração. Partimos para a implantação de um modelo de administração que consiste basicamente em fundar o processo decisório na participação de vários níveis. Os sistemas de reuniões, reuniões ou consultivas foram implantados tal ordem que as decisões do grupo estão a cargo do próprio grupo, as proporções cabíveis. Isto exigiu, ainda, uma preparação de tipo técnico para o que contamos, inclusive com os cursos do SENAC. Poder-se-á fazer, com uma experiência nova dentro do setor, o que nos preferíamos dizer que é a adoção de técnicas administrativas, de comprovada eficiência empresarial.

De uma forma geral, que projetos tem entusiasmando V.Sa. atualmente?

Na área do Centro Multinacional de cuja atividade passou a ser permitida vez de apenas restrita a 3 meses, como vinha sendo até há um ano, há, além do treinamento multinacional de atividades "nacionais", o planejamento de implementação do uso de tecnologia especificamente de TV., para as atividades. No setor, acredito que a experiência mundial e que é a experiência do uso planejado do meio em nossa Universidade. Há o Curso de Pós-graduação em Instrucional, mais de mil páginas de material programado que, sem sombra de dúvida, o melhor material desenvolvido no Brasil em fase de avaliação formativa. Há o Seminário de Tecnologia e Currículo de Rádio-visuais que, por falta de tempo, não foi mais disseminado, mas que já está sendo para servidores da TV e, posteriormente, para um grupo multidisciplinar de professores da UFPE e da U.C.P. Este seminário informativo, tem despertado o interesse das solicitações por parte da SUDENE de universidades locais, e de pelo menos 10 universidades e centros de ensino do Rio Grande do Sul.

Na área da administração interna, preocupamos e entusiasmos, no momento, a implantação do novo Regulamento, as Normas, de fluxogramas e rotinas, e nomenclaturas específicas, tudo isto cuidadosamente referido, como condições de otimização do produto final.

Na área de realizações materiais, com o PRONTEL estamos cuidando da criação de um Centro de Treinamento, com modernos recursos tecnológicos de manutenção dos equipamentos de vídeo, vai capacitar tecnicamente o pessoal a gravar e copiar filmes sonoros e a construção da nova estação de transmissão da Rádio Universitária, com quinta de sua potência e, por fim, da instalação de uma estação de frequência modulada.

Na área da Programação, fixada a filosofia de ação, procurou-se a definição de propósitos através de entendimento entre o Magnífico Reitor e o Secretário do Estado, para o planejamento primário (1º Ciclo) por TV, independentemente do ensino tradicional e a ele paralelo. Os planos do planejamento instrucional são acreditados numa verdadeira revolução. A idéia está em processo de implementação, pois que mantidos já foram os resultados TV-U e SEEC-PE. O projeto de continuidade de outros tipos de ensino instrucionais e sim representa uma ação autônoma de ensino por TV. A idéia não ser apenas "sobremesa" por ser a sua vocação.



Presidido pelo Reitor Marcionilo de Barros Lins, o ato de inauguração do segundo estúdio da TV-U, ocorrido em agosto de 1974, foi um momento de grande júbilo para todos os que fazem a Emissora da Universidade Federal de Pernambuco. O novo estúdio está equipado com moderna aparelhagem de áudio, vídeo e iluminação.



Atividades do centro multinacional de tecnologia educativa (OEA/TV-U)

TV-Universitária, como participante do Programa Multinacional de Desenvolvimento Educativo, patrocinado pela O.E.A., vem desenvolvendo amplas atividades através de seu "Centro Multinacional de Tecnologia Educativa".

Entre essas recentes atividades, merecem destaque especial as seguintes:

SEMINÁRIO DE CURRÍCULO E TECNOLOGIA EDUCATIVA

Programação constante de 13 unidades preparadas na Universidade Estadual da Flórida (EUA), tratando, a nível de informação, da Teoria de Sistemas aplicada a problemas educacionais específicos. O Seminário foi realizado, inicialmente, a convite dos membros da TV-Universitária e da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Em seguida, foi aplicado a um grupo de professores das Universidades Federal e Católica de Pernambuco. Está programado para a SUDENE e diversos órgãos da U.F.Pe. Pela importância do trabalho, foi solicitado por cerca de dez universidades e entidades educacionais de vários Estados brasileiros.

CURSO DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL — Material

em Instrução Programada, produzido por especialistas da O.E.A. e da TV-Universitária, visando ao treinamento no campo dos Sistemas de Instrução. Inicialmente foi aplicado a servidores da TV-U. Atualmente em fase de avaliação, o Curso procura dar ao participante um condicionamento capaz de elaborar um planejamento instrucional para qualquer tema de instrução. Para isso, em cada unidade são oferecidos textos programados e artigos de especialistas, estudando-se detidamente cada passo da Abordagem de Sistemas. Concluída a etapa de avaliação, prevê-se uma utilização em termos nacionais e o início do Segundo Curso, para o segundo semestre deste ano.

CURSO MULTINACIONAL DE TECNOLOGIA EDUCATIVA

Dezesseis bolsistas latino-americanos estiveram na TV-Universitária, executando, durante dois meses, um trabalho prático de produção instrucional na área da Educação de Adultos, utilizando os recursos da emissora da Universidade Federal de Pernambuco. Concluído esse curso, sua avaliação contou, no Recife, com a presença do Diretor da Unidade de Tecnologia Educativa da O.E.A., em

Washington, dr. John Clayton, e de especialistas do Programa Multinacional de Tecnologia Educativa, sediados em Caracas, Buenos Aires, México, Bogotá e Recife.

PROJETO ANATOMIA

Por solicitação do Departamento de Anatomia da U.F.Pe., está sendo desenvolvido o Projeto Anatomia, sob a coordenação direta do Centro Multinacional de Tecnologia Educativa da O.E.A. no Recife. O especialista José Hipólito Gonzales é o responsável pela elaboração e implantação do sistema, que compreende diversas etapas de expansão. A primeira delas corresponde ao planejamento da Unidade Curricular 2, que atenderá, de início, 600 alunos do Ciclo Básico da área III. Constando de 5 aulas, com duração prevista de 4 horas cada uma, a Unidade Curricular 2 servirá como experiência piloto. Para isto, estão sendo preparados materiais programados escritos para cada aula e gravações em vídeo-tape, todas tendo como especialistas de conteúdo os professores de Anatomia.

Por outro lado, a montagem dos equipamentos técnicos indispensáveis ao funcionamento do circuito-fe-

chado de TV na Faculdade de Medicina está sendo feita por técnicos da TV-Universitária. Todo o Projeto Anatomia segue o esquema básico de Abordagem de Sistemas para planejamento de ensino. Ao final, serão realizados vários tipos de avaliação, inclusive por meio de computadores, que fornecerão os dados necessários à continuação do Projeto. Ainda este ano, serão desenvolvidos os materiais da Unidade Curricular 3, composta de 20 aulas, atendendo a cerca de 1.200 alunos.

Para a Universidade Federal de Pernambuco, a participação da Televisão Universitária, como representante do Brasil no Programa Multinacional de Tecnologia Educativa, da Organização dos Estados Americanos, é de importância fundamental, devido ao intercâmbio de conhecimentos e experiências que cada um dos cinco centros latino-americanos do programa desenvolve permanentemente, contribuindo para que a atividade da TV-U, nessa área da tecnologia aplicada à educação, alcance um "know-how" internacional, acompanhando, desta forma, a evolução de tão importante matéria.

TV - escola: outra meta instrucional

De uma maneira geral, há uma concordância de opiniões de que a TV-Educativa tem como principal objetivo ocupar-se do aperfeiçoamento geral da sociedade, através da educação e da instrução. Cumprir aos teleducadores a melhor e mais eficiente maneira de utilizar a TV, para que possa cumprir totalmente suas promessas no campo da complementação educacio-

sino será ministrado pela TV, à grande maioria dos alunos das escolas, e que ela será empregada, cada vez mais, no ensino direto, como máquina de instrução ao alcance de todos.

MAIOR DIMENSÃO

Com o propósito de ampliar sua faixa instrucional, a TV-Universitária vem de propor, conforme entendimentos havidos entre o Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, prof. Marcionilo de Barros Lins e o Governador do Estado, José Francisco de Moura Cavalcanti, a transmissão do Curso de 1.º Grau, através de aulas televisadas, como apoio suplementar do currículo.

É inegável a atração que a TV exerce sobre as crianças. Por que não usá-la como motivação para transmitir-lhes aquilo que as nossas escolas têm dificuldades de cumprir? É objetivo da TV-Universitária oferecer a imagem adequada, na hora certa, com toda a riqueza

de visuais, com possibilidades de melhor aprendizado, proporcionando uma melhor e maior distribuição das atividades escolares. Esse novo sistema daria aos professores maior estímulo e liberdade para o uso de seu tempo na aprendizagem individual. A idéia não é usar a TV como um substituto, porém associá-la, com eficiência, às outras atividades e demais recursos.

O crescimento da TV-Educativa não só exige que ela sirva ao seu público receptor usual, dentro da comunidade, através de sua programação cultural, como também que encontre meios de aumentar sua audiência e de ampliar seus próprios serviços. Com o curso do 1.º Grau diretamente nas escolas, a audiência-meta da TV-U seriam milhares de crianças carentes de um maior número de informações educativas e demonstrações de novas experiências de aprendizagem.

Criado pela U.F.Pe. "Concurso de Monografias Rádio e TV-U"

Está em plena vigência o Concurso Permanente de Monografias, instituído pelo reitor Marcionilo de Barros Lins, para as comemorações anuais das emissoras da Universidade Federal de Pernambuco.

Publicamos abaixo, na íntegra, os textos da Portaria e do Regulamento do Concurso:

PORTARIA

"Portaria Normativa n.º 34 de 22 de novembro de 1974"

Ementa: Institui o Concurso Permanente de Monografias intitulado "TELEVISÃO E RADIO UNIVERSITARIAS".

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 46, item XXIII, do Estatuto da Universidade,

Considerando a conveniência de se comemorar, condignamente e de forma permanente, a passagem do aniversário da Televisão Universitária, a primeira Televisão Educativa do Brasil,

Considerando o interesse da Universidade em incentivar a análise, o debate e a discussão em torno do atualíssimo tema que é a Tecnologia Educativa e a sua aplicação através dos meios de Comunicação de Massa,

RESOLVE:

- I — Instituir um Concurso Permanente de Monografias, para distribuição dos prêmios intitulados "TELEVISÃO E RADIO UNIVERSITARIAS",
 - II — Aprovar o Regulamento do Concurso que vai publicado em anexo,
 - III — Esta Portaria entra em vigor nesta data.
- ass. MARCIONILO DE BARROS LINS
Reitor

REGULAMENTO

Art. 1.º — O Concurso Permanente de Monografias "Televisão e Rádio Universitárias" selecionará três originais para premiação em dinheiro e publicação.

Art. 2.º — Os originais deverão ter a extensão que permita a publicação em órgão de divulgação da Universidade Federal de Pernambuco ou em edição apartada como brochura, fixando-se um mínimo de 10 laudas para qualquer das três modalidades.

Art. 3.º — O prazo para entrega dos originais encerrar-se-á no dia 30 de setembro de cada ano, para que o resultado do julgamento seja divulgado dentro das comemorações anuais da Televisão Universitária, a 22 de novembro.

Art. 4.º — Os originais deverão ser entregues na Televisão Universitária, Avenida Norte s/n — Recife, nos dias úteis, de 8.00 às 18.00 horas mediante protocolo ou enviados pelo Correio, sob registro com especificação "Concurso Permanente de Monografias".

Art. 5.º — Os originais deverão ser acompanhados de cinco cópias, datilografadas em espaço dois e assinadas com pseudônimo.

Art. 6.º — Deverá acompanhar o original um envelope fechado contendo título da monografia e pseudônimo usado, constando no seu interior um detalhado Curriculum Vitae do autor, seu nome e endereço.

Art. 7.º — Cada participante poderá concorrer com mais de um original.

Art. 8.º — Os originais não serão devolvidos, mas o autor que o solicitar, poderá receber uma síntese dos pareceres oferecidos ao seu trabalho.

Art. 9.º — Os prêmios atribuídos pelo presente concurso denominar-se-ão "Televisão e Rádio Universitárias" e terão os seguintes valores em dinheiro: a) Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) — para a Categoria "A"; b) Cr\$3.000,00 (três mil cruzeiros) — para a Categoria "B"; c) Cr\$2.000,00 (dois mil cruzeiros) — para a Categoria "C".

Art. 10 — Concorrerão ao prêmio da Categoria "A" todas as monografias que versarem o tema "Tecnologia Educativa" com um enfoque individual sobre o referido campo de Investigações e estudos.

Art. 11 — Concorrerão ao prêmio da Categoria "B" todas as monografias que abordarem, sob o ponto de vista analítico, a Televisão Educativa, seus objetivos e destinações.

Art. 12 — Concorrerão ao prêmio da Categoria "C" todas as monografias que abordarem o tema "Universidade e Meios de Comunicação de Massa", sob forma livre, a critério do autor.

Art. 13 — Os originais premiados e outros que a Comissão Julgadora achar por bem recomendar, serão publicados em órgãos editados pela Universidade Federal de Pernambuco, podendo constar de um só volume, a critério dos organizadores do certame, não havendo obrigatoriedade, quer de publicação, quer de direitos autorais pela primeira edição.

Art. 14 — A Comissão Julgadora, constituída de três membros da escolha do Magnífico Reitor, será, anualmente, designada no mês de setembro, devendo reunir nomes representativos da Educação e da Comunicação de Massas.

Art. 15 — A Comissão Julgadora poderá deixar de atribuir qualquer dos prêmios, e das suas decisões não haverá recurso.

Art. 16 — O prazo para julgamento dos textos será de 45 dias, a partir do encerramento das inscrições, podendo, no entanto, ser prorrogado, em função do número de originais, apresentados, ou outra razão justificada.

Art. 17 — A entrega dos prêmios será realizada em ato público, durante os festejos comemorativos da Televisão Universitária.

Art. 18 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora, com homologação do Magnífico Reitor.

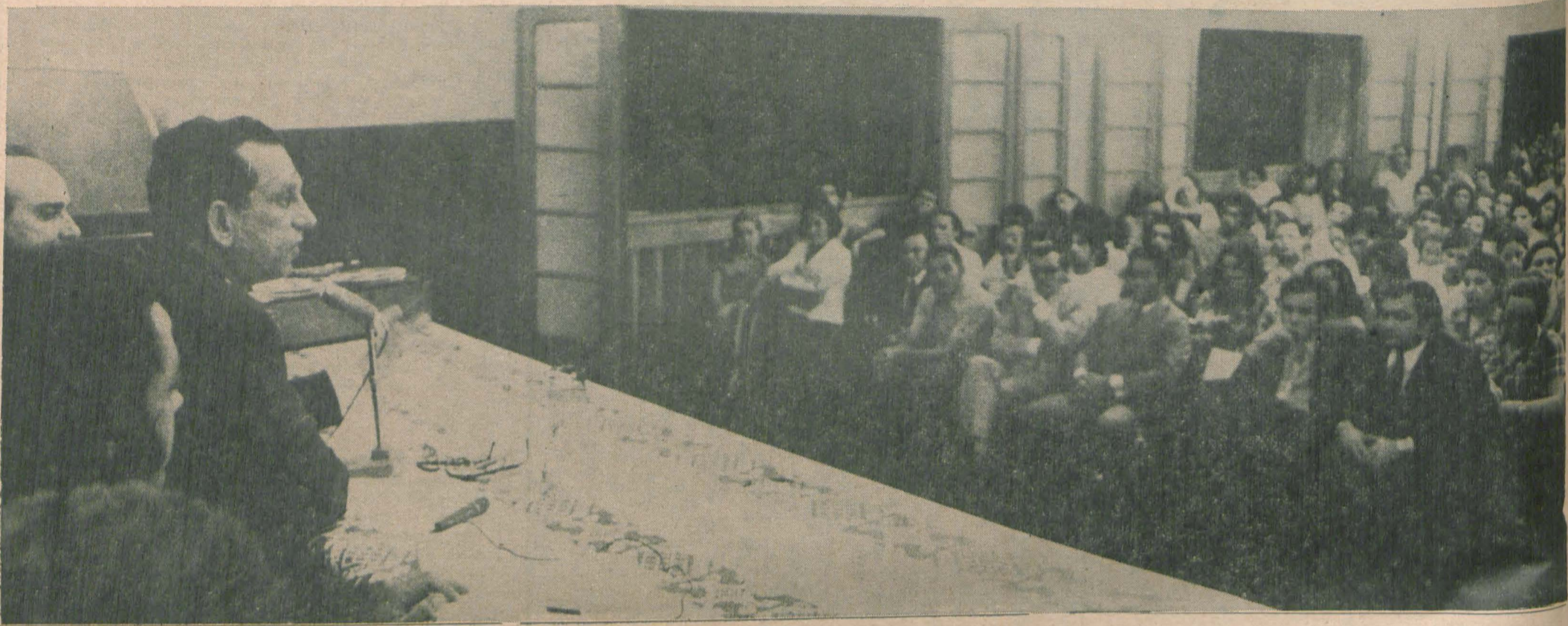
Art. 19 — Poderão concorrer aos prêmios, todos os interessados no processo de desenvolvimento da Educação, da Tecnologia Educativa e da Televisão Educativa no Brasil.

Recife, 22 de novembro de 1974.
MARCIONILO DE BARROS LINS
Reitor

Cals define fatores do desenvolvimento

EM RECENTE CONFERÊNCIA NA ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DA UFPE, O EX-GOVERNADOR DO CEARÁ, CORONEL CESAR CALS, DISCORRENDO SOBRE O TEMA "A DINÂMICA DO PROCESSO DESENVOLVIMENTISTA", SUSTENTOU QUE AS IDÉIAS DESENVOLVIMENTISTAS DE UMA NAÇÃO SE APROXIMAM DOS SEGUINTE ESTÁGIOS, BÁSICOS PARA O DESENVOLVIMENTO: **SOBERANIA EXTERNA, PAZ INTERNA, BEM-ESTAR-SOCIAL, PROGRESSO E JUSTIÇA.**

PARTICIPARAM DA SESSÃO, PRESIDIDA PELO REITOR MARCIONILO LINS, ALUNOS, PROFESSORES E DIRIGENTES DA ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO, ALÉM DE AUTORIDADES E CONVIDADOS ESPECIAIS.



— Foi realmente com grande satisfação, que recebi o convite para proferir uma palestra na Escola de Administração da Universidade Federal de Pernambuco.

Satisfação por mais uma oportunidade que tenho de encontrar-me com jovens, em cujas mãos se entrega o futuro da nossa Região em desenvolvimento.

Satisfação por ver se avolumando e crescendo uma Escola como esta, básica na formação de futuros administradores profissionais, essencialmente necessários a uma Região que necessita bem administrar os seus recursos que são escassos.

Não espere o auditório uma palestra cheia de frases bordadas com adjetivos, mas uma palestra simples, que pretenda ser lógica; por isso falei com uma linguagem direta e franca.

Creio, entretanto, que muitos dos conceitos que aqui serão emitidos merecerão a reflexão de todos.

Começemos por definir uma Nação segundo conceito da Escola Superior de Guerra.

"NAÇÃO — É uma sociedade já sedimentada pelo longo cultivo de tradições, costume, língua, idéias, vocações, vinculada a determinado espaço de terra e unida pela solidariedade criada pelas lutas e vicissitudes comuns, que se traduz na vontade de continuar vivendo em conjunto e projetar-se no futuro, preservando os valores alcançados e buscando a realização dos objetivos colimados".

II

DESENVOLVIMENTO

Os ideais desenvolvimentistas de uma Nação se aproximam dos seguintes estágios, que considero pontos básicos ao Desenvolvimento:

1. **SOBERANIA EXTERNA** — É demonstrada quando a Nação, além de independente politicamente, pode tomar suas decisões sem consultar nenhuma outra; reservando-se o direito de manter relações econômicas com qualquer outro país, independente de ideologias ou formas de Governo.

2. **PAZ INTERNA** — Quando se respira um clima de harmonia e respeito mútuo, que proporciona um ambiente próprio ao trabalho eficiente, segurança e respeito aos lares.

3. **BEM ESTAR SOCIAL** — Quando o povo, participando do processo, pode viver sem antagonismos ou conflitos de classes.

4. **LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE** — Quando, gozando da liberdade de crença, língua ou pensamento, o povo está consciente de que cada um é uma partícula de um todo e que a liberdade de cada pessoa deve ser mantida, sem prejuízo do direito dos demais, guardado o respeito à segurança Nacional.

5. **PROGRESSO E JUSTIÇA** — Deve-se procurar construir no país uma sociedade industrial moderna, democrática, livre, justa e solidária. Uma sociedade que acompanhe a evolução tecnológica dos outros países, mas que não desconheça o homem como centro de todo o processo desenvolvimentista.

Definidos, assim, os ideais desenvolvimentistas, devemos verificar qual a estratégia a seguir para conquistá-los e como cada classe participa em cada fase do processo.

III

ESTRATÉGIA DESENVOLVIMENTISTA

Para delinear-se uma estratégia, deve-se levar em conta que o desenvolvimento é um ato de conquista. Nunca se poderá basear em generosidade de outra nação, ou região.

O desenvolvimento tem características de uma guerra pacífica, mas competitiva, confrontos, reveses, concorrências — luta por conquista de recursos, que, no todo, são escassos para atendimento das necessidades até mais urgentes.

Dentro deste conceito, deve-se conseguir a adesão do povo ao projeto desenvolvimentista a ser implantado — advindo daí destaque especial à comunicação. Neste contexto — Confiança é palavra chave — povo confiando em seu líder — líder confiando no povo — povo confiando em si próprio.

Em regiões subdesenvolvidas há escassez de recursos. Daí por que há de se conferir graus de prioridade às ações decorrendo a necessidade de saber-se como fazer opções.

A comunicação envolve em si própria conceito bilateral. Há de se travar um diálogo, através do qual, se possam retirar os obstáculos a uma adesão franca do povo ao projeto de desenvolvimento a ser implantado. Pela autenticidade nas atitudes, o líder alcança a sólida confiança do seu povo e este conhece realmente a personalidade de seu líder. O conhecimento, em profundidade, das alternativas levará, por certo, a uma nova opção clara, concreta e principalmente oportuna.

IV

A primeira fase do processo desenvolvimentista envolve:

1. **DIAGNÓSTICO** — reconhecimento dos problemas, deficiências, obstáculos.

Para realizá-los exige-se, fundamentalmente, EXPERIÊNCIA para que não reste dúvida sobre a real posição de cada setor.

2. **VERIFICAÇÃO DAS DISPONIBILIDADES EXISTENTES** — designação de metas a alcançar, políticas a seguir, recursos a mobilizar, enfim, DECISÃO é a qualidade indispensável.

Torna-se necessário, também, que o povo se sinta co-participante nas decisões e tenha vontade de progredir e por esse motivo aceite de bom grado alguns sacrifícios.

3. **BUSCA DE NOVOS CAMINHOS** — uma vez aqueles já identificados acarretam uma estagnação, exige-se forte dose de criatividade, principalmente pelo fato de que cada modelo de desenvolvimento tem características próprias, ligadas à vocação da terra, recursos naturais e condições peculiares da gente que habita a região. Modelo, portanto, que não pode ser copiado.

Na segunda fase, ou o "grande salto" que se segue após a identificação de novas potencialidades, exigem-se:

1. **RECURSOS MACIÇOS** — para impulsionar as estruturas nos novos caminhos que ainda não estão totalmente abertos, mas que aparecem como pontos de atração.

2. **IMPORTAÇÃO DE "KNOW HOW"** — capaz de ser absorvido pelos líderes do projeto de desenvolvimento, técnicos, enfim, por uma elite. Tudo isso, utilizado dentro do menor espaço de tempo possível, pois o desenvolvimento é um desafio contra o tempo. Não importa somente a velocidade própria, mas a velocidade relativa, em busca das fontes de recursos e mercado. Exige-se, essencialmente **ESFORÇO**.

Na terceira fase, já são outras as características:

1. **ECONOMIA** — através da sofisticação da tecnologia para reduzir os custos e proporcionar condi-

ções de competição com outros países, às vezes com tecnologia mais avançada. Sem isso há uma perda sucessiva de mercados. Requer-se **INTELIGÊNCIA**.

2. **PESQUISA** — de novas oportunidades, novos mercados consumidores, novas formas de atender em busca de maior eficiência e maior rapidez. É exigido, portanto, **TALENTO**.

O Somatório das qualidades acima é: Decisão — Experiência — Esforço — Poupança — Criatividade — Talento — Inteligência.

V

Analisemos, neste momento, a participação etária preferencial em cada fase, em função das condições exigidas. Naturalmente não significa que em todos os momentos não se precisa mesclar esta participação, e que o líder do projeto seja escolhido em função principalmente de suas qualidades pessoais, mais de liderança do que em função de sua idade. Há, todavia, uma equipe de assessorar o líder e há aqueles que recebem para si as funções executivas.

Na primeira fase: Experiência — Decisão — Criatividade, deve haver prevalência na equipe de Executivos maduros, arrojados e competentes.

Na segunda fase: Conquista de recursos — Absorção de "Know How" — Esforço, nota-se a prevalência de pessoal jovem, capaz de absorver novas técnicas, com vigor físico e bastante flexibilidade mental.

Na terceira fase: Sofisticação do processo e da Pesquisa Talento, a prevalência é de pessoal extremamente competente, consciente dos valores culturais.

Sente-se, portanto, que nos jovens vai se encontrar a massa daqueles que devem enfrentar a segunda e terceira fases da batalha desenvolvimentista.

Há que se levar aos jovens a consciência de que só podem desempenhar esse importante papel, se estiverem convictos da sua responsabilidade para com o futuro — por outro lado, não alcançarão o futuro se não olharem a influência do passado, seus exemplos, valores culturais e históricos da nacionalidade.

Devem viver intensamente o presente, certos de que o futuro lhes pertence, mas deve ser empolgado por mãos seguras, competentes e talentosas e que coloquem aqueles ideais desenvolvimentistas acima de qualquer interesse pessoal.

Jovens brasileiros, que vos preparais para o desempenho da vossa profissão futura e que deveis estar na linha de frente na batalha desenvolvimentista, buscai, para o Brasil a manutenção da: Soberania externa — Paz interna — Bem estar social — Liberdade com responsabilidade — Sociedade justa e solidária.

Resumindo: nas ações desenvolvimentistas exigem-se: Decisão — Esforço — Trabalho — Experiência — Poupança — Criatividade — Talento — Inteligência.

Sei que já possuis muitas das qualidades exigidas, e que ao terminardes vosso curso tereis o conjunto de todas elas.

Aqui eu entregaria o conceito final, que não é meu mas que é uma prece a Deus — Todo — Poderoso: — "dá-me humanidade para aceitar aquilo que é imutável — Energia para mudar aquilo que pode e deve ser mudado e sabedoria para distinguir uma coisa da outra".

Estudantes — Avante! O Nordeste necessita de vossa capacidade e de vosso talento. O Brasil precisa de vosso entusiasmo e do vosso civismo.

Divórcio: aspectos social e histórico

A Instituição do divórcio, no Brasil, é, hoje, tema de debates em meios universitários, científicos, parlamentares, e até motivo de conversas descontraídas em bares, botecoins e rodas familiares. No Senado Federal, o senador Nelson Carneiro toma a iniciativa de apresentar projetos de emendas constitucionais propondo a dissolubilidade do matrimônio, enquanto na Câmara Federal, o deputado Rubens Dourado, contando com a colaboração de vários dos seus companheiros de vida parlamentar — entre eles, os deputados pernambucanos Alton Rios e Joaquim Guerra

— procura estabelecer normas para a implantação do divórcio no País.

Para o debate desse problema — cujo interesse é cada vez maior — o "Jornal Universitário" reuniu opiniões de sociólogos, psicólogos, etnólogos e antropólogos, de forma a sentir o pensamento da inteligência pernambucana sobre a questão. Todos eles procuraram analisar o problema diante da formação da família brasileira, buscando estabelecer as implicações sociais e jurídicas, econômicas e históricas.

Enquanto o etnólogo Mário

Souto Maior declara-se "contra o divórcio", em meio à sua análise, o antropólogo João Mendonça mostra-se "favorável", embora reconhecendo que a medida "virá naturalmente, na medida em que houver mudanças" e o sociólogo Roberto Aguiar vê o problema sob o ponto de vista da Sociologia Jurídica.

Todas são opiniões que se somam a outras tantas que vêm sendo divulgadas pela imprensa brasileira, contribuindo para a análise de um problema cada vez mais apaixonante e, por isso mesmo, carente de maiores debates.

Um problema complexo



MÁRIO SOUTO MAIOR

Divórcio é problema complexo e pode ser discutido à luz da Religião, do Direito e da Sociologia. Como problema religioso, acredito que o divórcio não encontrará boa receptividade na família brasileira, se for ouvida num plebiscito nacional, uma vez que sua maioria professa a religião Católica Apostólica Romana, que considera a indissolubilidade do matrimônio dogma de fé. Sob o ponto de vista jurídico, sinto que o divórcio seja uma solução mais certa e muito mais moralizante do que o desquite, que estabelece um hiato impossível no comportamento fisiológico do ser humano, deixando, assim, aberta, uma porta bem larga para a prostituição social. Socialmente, o divórcio poderá atuar como uma faca de dois gumes: solucionando, a priori, problemas, mas, a posteriori, estabelecerá caminhos para o comércio da carne humana, especialmente quando envolver pessoas abastadas, que possam pagar pensões alimentícias e manter sempre como companheira mulher bonita e jovem. Acho que o divórcio vai acabar de sepultar os resquícios do romantismo indispensável à existência do amor, pois sua implantação num país como o nosso, ainda não preparado para constitucionalizá-lo, poderá ocasionar o

desequilíbrio da família brasileira. O divórcio sempre foi um direito da mulher enquanto jovem ou bonita e sempre significou solidão quando seus encantos deixavam de pesar na balança do mercado da carne humana e, durante sua vida, não fez um companheiro para todas as horas, tristes ou alegres. Sou católico. Católico Apostólico Romano. E já tive a satisfação de ver minhas heresias aprovadas pela Igreja de hoje. Tratando-se de uma lei para todos os brasileiros, tanto para os esclarecidos habitantes das cidades como para o homem simples e rude do interior, sou contra o divórcio hoje, por não termos condições de suportá-lo. Sou também e principalmente contra o projeto que transita no Senado, no que diz respeito a sua concessão, exigindo-se que os cônjuges estejam separados durante cinco anos. Tenho certeza de que tal medida multiplicará, não sei por quantas vezes, o problema da prostituição social, partindo-se do princípio de que é humanamente impossível paralizar a vida sexual humana durante cinco anos. E prostitutas, profissionais e sociais, já temos demais no Recife, conforme pesquisa de Frei Barruel de Lagena.

Traços da Família Patriarcal



RICARDO RABELLO

em conta a própria formação da família, tanto do ponto de vista cultural como do psicossocial. Apesar das modificações que sofreu a família brasileira, desde o século XIX, quando se processou a sua urbanização e posteriormente a industrialização, impulsionada após a década dos 30, ainda persistem traços bem marcantes daquela família patriarcal. Deste modo, pergunta-se se a própria história da família garantiria uma atitude conservadora face ao problema da indissolubilidade do casamento, coerente com seu sistema de valores. Outro aspecto a considerar, seria a inexistência, em grande escala de uniões não legalizadas que poderia provocar uma atitude de indiferença quanto à introdução deste valor no sistema.

Por outro lado, o grande número de desajustes no casamento poderia levar a família a olhar o divórcio como uma resposta ou solução. O fato é que atualmente, em nossa sociedade, ainda em transição, seria precipitado aplicar o divórcio indiscriminadamente, em circunstâncias somente de interromper, em circunstâncias separações irremediáveis, juridicamente separações irremediáveis.

A instituição do Divórcio, dentro da realidade brasileira, particularmente nordestina, tem que ser estudada levando-se

Os cientistas

MÁRIO SOUTO MAIOR — Etnólogo pernambucano, natural de Bom Jardim. Tem escrito vários livros, entre eles "A Morte na Boca do Povo". Entretanto, sua obra principal, "O Dicionário de Palavras e Termos Afins", ainda não foi publicada.

RICARDO RABELLO — Diretor do Departamento de Psicologia Social do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Tem realizado várias pesquisas, entre elas o "Universitário Nordestino", publicada em livro há dois anos.

ROBERTO AGUIAR — Integrante da equipe do Departamento de Sociologia do IJNPS, que é dirigido pelo escritor Renato Carneiro Campos. Ainda muito jovem, tem colaborado com suplementos literários dos mais importantes jornais do Recife. Também é professor da Universidade Católica de Pernambuco.

JOÃO HÉLIO MENDONÇA — Dedicado estudioso e pesquisador do "Joaquim Nabuco". Tem realizado várias pesquisas mas, raramente, colabora com os suplementos literários do Recife e com as revistas científicas.

Divórcio, uma questão de fato



ROBERTO AGUIAR

A Indagação que surge, talvez como a principal, ao se analisar a proposta de implantação do divórcio no Brasil, é a respeito da própria natureza do Direito: Seria este reflexo de situações fáticas — e então, apenas um meio de validação de relações pré-existentes e dele determinantes — ou o Direito constituiria uma força própria, defensora da ordem social? No caso específico da proposição de Nelson Carneiro, é de se saber se ela realmente teria condições e força para, não apenas ser um reflexo da situação de família dissolúvel que é a atual situação da família brasileira, mas, sobretudo, conduzir, efetivamente determinando, as relações familiares a uma maior estabilidade.

Se é possível questionar, do ponto de vista axiológico, o divórcio como instrumento legal, do prisma sociológico, tal não acontece relativamente à sociedade brasileira. Esta, embora conhecendo um tipo de família, juridicamente, monogâmica e indissolúvel, é, em largas faixas de sua população, praticante da dissolubilidade matrimonial e, não

com muita raridade, poligâmica, a ponto de estudioso estrangeiro mencionar a dificuldade de se classificar o tipo de família realmente existente no Brasil. Por outro lado, a pluralidade de leis protetoras do concubinato, já existentes e em vigor no País, contribuem largamente para difundir a idéia de que, para o Direito Brasileiro, existem dois tipos de família: uma digna deste nome — dos elogios jurídicos e outra de r. mediação, apenas tolerável, o que, não apenas põe em risco a própria moralidade da instituição familiar como, também, o que é igualmente grave, cria uma situação injusta para os cônjuges que decidiram pela constituição de uma segunda família.

É lamentável que, não somente no Brasil, a Sociologia Jurídica esteja ainda desprestigiada, mesmo se considerando ser ela uma ciência nova, posto que, ainda que não esteja inteiramente acabada, replta-se, esta ciência muito teria a contribuir para que questões como a da implantação do Divórcio fosse melhor equacionada.

As Transformações da Família



JOÃO HÉLIO MENDONÇA

Sou favorável ao divórcio no Brasil, pois ele vem atender às transformações atuais desta sociedade. O divórcio virá naturalmente, na medida que houver mudanças. Na América Latina e no Brasil a família encontra-se em situação de grandes transformações. A passagem da sociedade rural e agrícola para a urbano-industrial; as transformações e o desenvolvimento e o grande crescimento demográfico engendram sérios problemas e a quebra de padrões tradicionais na vida familiar.

Já vem se registrando no país opinião cada vez mais favorável ao divórcio, principalmente nas grandes cidades. Ele virá naturalmente, na medida em que houver mudanças.

Não acredito que o divórcio em si condição mudanças para pior na nossa sociedade, pois ele virá como uma consequência ou resultado das transformações e mudanças das sociedades, e não como um instrumento destruidor de casamentos. Ele não acabará

em melhorar os casamentos. Já é neste país, ainda sem divórcio, que existe um índice muito baixo de casamentos em relação à sua população. Existem uniões ilegais e sem estabilidade com todas as consequências que derivam de tal situação: alta porcentagem de nascimentos ilegítimos, reflexo na explosão demográfica, desajustes etc. Não é com ou sem o divórcio que os problemas da vida familiar no Brasil serão resolvidos. Por fim, a motivação religiosa — da indissolubilidade do casamento — alegada por tantos contra o divórcio, nada tem de constitucional, pois esta consagra o princípio de indissolubilidade de tratamento jurídico para todos os cidadãos. Em, evidentemente, alegações religiosas. E o Catolicismo no Brasil, que vem, muitas vezes, deixando de significar obstáculo ao processo de mudança social, aproximando-se muito das lutas de oposição e de contestação no campo dos direitos humanos, mantém referência aos permanentes valores cristãos. E a Igreja considera o casamento indissolúvel. Nunca ela poderá estar a favor do divórcio.

Papéis de parede que irradiam calor



Papéis de parede que irradiam calor

Francforte no Meno (Impressões da Alemanha) — O papel interior de Depron tem a espessura de 3mm e segundo o fabricante isola como um tijolo de 27cm de espessura. As chapas, resistentes e elásticas, que têm também a propriedade de isolar contra a umidade, são simplesmente coladas na parede e podem depois ser forradas (nossa foto). Têm além disso uma outra vantagem: é possível arrancar facilmente o papel velho a seco. O papel interior isolante ajuda desta forma a poupar aquecimento, o que neste momento é um fator importante, dado o aumento constante do preço de energia. O engenheiro Nikolaus Laing (Aldingen), internacionalmente conhecido, pretende dentro de pouco tempo pôr no mercado um novo papel de parede que tem a propriedade de acumular o calor durante o dia e dispendê-lo de noite. Esta é possivelmente uma variante do depósito latente de calor, inventado por ele.



De acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto EMNID de Bleiefeld, a ginástica está em 2.º lugar na preferência das mulheres interessadas em esporte. Grupos como o da foto têm mais do que apenas uma tarefa esportiva. Eles preenchem uma lacuna no tempo livre cada vez maior, são de importância sócio-política, devido à sua combinação de ginastas de mais variada procedência e idade diversificada e além disso contribuem, através da hora de ginástica, para a formação de uma mentalidade comunitária.

Ossos feitos de cerâmica

Há dois anos aproximadamente, um grupo de médicos austríacos substituiu ossos doentes de pacientes com elementos feitos de material cerâmico. Trata-se de um novo sistema chamado "Endoprótese", que foi desenvolvido pelo professor doutor Martin Salzer e pelo doutor Karl Zweymüller, dois médicos da Clínica Ortopédica da Universidade de Viena. Até a data, os dois peritos substituíram ossos e articulações de dez pacientes enfermos ou vítimas de acidentes de trânsito, com um material composto em 99,7 por cento de óxido de alumínio. Graças às maiores capacidades de adaptação ao corpo humano, o mencionado material, extremamente duro, é notavelmente superior às próteses convencionais de metal e de material sintético.

Especialista debate problema da gravidez e parto em Mônaco

Em Mônaco, especialistas, entre médicos, parteiras, assistentes, assistentes sociais, psicólogos, sociólogos e advogados reuniram-se para estudar os problemas relacionados à gravidez e ao parto.

Escolheu-se para tema a proteção à saúde da mãe e da criança, durante os nove meses de gestação. Um assunto apaixonante, mas extremamente complexo: a pesquisa de uma estratégia que permita reduzir o número de acidentes, sobretudo os nascimentos prematuros e o nascimento de crianças defeituosas.

Como Impedir o nascimento prematuro? Na maioria das vezes, trata-se de um problema de cunho social, e é causado pela fadiga da mãe. As mulheres grávidas deveriam repousar mais, principalmente se exercem profissões árduas, como operárias, vendedoras, lavradoras, ou moram nos subúrbios e precisam passar horas nos transportes públicos. Trata-se, também, de um problema de falta de informação: as mulheres devem aprender a se poupar, quando estão grávidas, não fazendo longas viagens de automóvel, nem regimes para emagrecer; também, não devem fumar, pois as estatísticas provam que os cigarros são nocivos à criança, que se desenvolve, então, com mais dificuldade.

Firma dos EUA auxiliará programa de hospitais-escolas no Brasil

CAMBRIDGE, Massachusetts — A firma norte-americana Arthur D. Little International, Inc., desempenhará importante papel na execução de um projeto de hospitais-escolas, em associação com escolas de medicina das Universidades de São Paulo e Campinas.

serviços necessários no Brasil, para acelerar a pesquisa médica, e expansão da assistência médica, bem como das instalações para esse fim.

Os três hospitais, juntamente com as respectivas escolas de medicina, farão parte dos novos campi planejados pelas universidades.

A firma assessora e consultora de Cambridge unirá sua experiência ao know-how da Alemanha Ocidental, Holanda e Brasil, no financiamento, planificação, construção, organização e funcionamento de três novos hospitais-escolas a serem situados em São Paulo, Campinas e Ribeirão Preto.

Cada hospital será projetado e construído de modo a oferecer treinamento médico, pesquisa e maior eficiência no atendimento aos pacientes. "A maior flexibilidade será observada na construção desses hospitais, a fim de que eles possam adaptar-se a futuras mudanças, tais como reorientação de programas de pesquisas ou alteração no número de leitos", informou a ADL.

No início do corrente mês, a firma norte-americana assinou contratos com a Hospitalia International GMBH. O valor da operação não foi anunciado. Na última semana, revelou detalhes de sua participação no projeto brasileiro. Segundo um comunicado da ADL (Arthur D. Little), sua tarefa será "traduzir em realidade os objetivos das universidades paulistas de proporcionar um ambiente mais propício ao processo educacional e de pesquisa, e o funcionamento eficaz desses três hospitais como centros de excelência".

A firma norte-americana operará em conexão com sua filiada, a Arthur D. Little Limitada, do Rio de Janeiro, na execução do projeto.

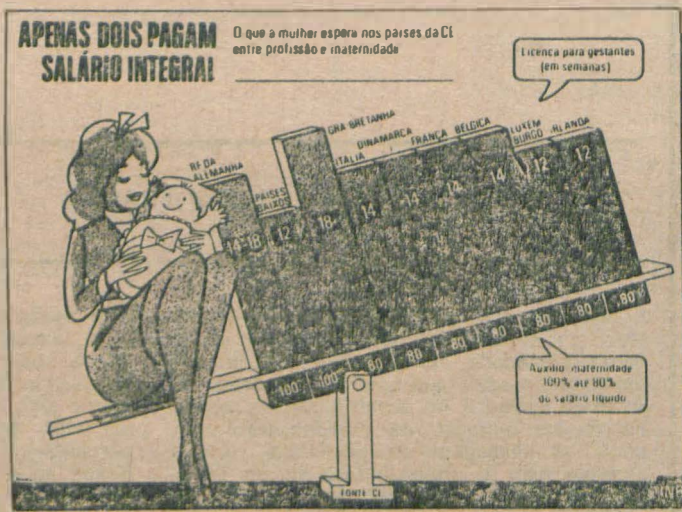
Uma vez cumpridas as metas principais da participação norte-americana no projeto, a citada firma assegurará a implementação de sistemas e da rotina, "fornecendo assistência para o funcionamento inicial dos hospitais, bem como para a formação do pessoal permanente dos mesmos", conforme revelou um porta-voz da ADL. O projeto terá início dentro em breve e sua conclusão está prevista para 1976. Os três hospitais-escolas integram um programa nacional destinado ao treinamento de maior número de médicos para

Hospitalia International, sediada em Frankfurt, na Alemanha, é uma das maiores empresas especializadas em planejamento de aparelhagem hospitalar. Nos dez anos desde a sua fundação, essa firma já planejou e forneceu equipamento para mais de 200 hospitais em 38 países.

A Slemens S.A., que já operou e equipou hospitais no Brasil por mais de 50 anos; Intarco, firma internacional de engenharia, arquitetura e planejamento, de propriedade da N.V. Philips Gloeilampenfabrieken, Eindhoven, Holanda; e duas firmas brasileiras de engenharia, a Eclsa e a Ecel, são os outros membros que participam desse consórcio internacional.

Vegetação no mapa

O chefe do Instituto de Botânica da Universidade de Salzburgo tenciona publicar, junto com os seus estudantes, um mapa em grande escala, no qual se registrará sistematicamente toda a vegetação da província de Salzburgo. A mencionada carta conterá todos os prados e bosques da região. Mais tarde publicar-se-á um mapa análogo do todo o território austríaco. O novo mapa da vegetação está destinado principalmente aos peritos em planejamento do solo, proteção do meio ambiente, política agrária e construtores de centrais hidroelétricas. No mapa registrar-se-ão as principais sociedades de plantas, cujo crescimento depende do clima, do terreno e de outros fatores do meio ambiente. As diferentes formas de vegetação permitem, por seu lado, tirar conclusões sobre as condições de vida das plantas e sobre a sua resistência aos efeitos da industrialização e contra outras influências.



Bonn (INB) Mulheres em atividade profissional que esperam um bebê recebem na Comunidade Européia (CE), de modo geral de 3 a 6 meses de licença, paga durante a gravidez. O salário líquido, no entanto, só é atingido plenamente na República Federal da Alemanha e nos Países Baixos. Esses são os resultados de um levantamento feito pela Comissão da CE, a fim de constatar os diversos direitos e pagamentos de seguros dos 9 países da CE, nesse setor. No âmbito da política social da CE, essa desigualdade no tratamento das futuras mães deverá ser eliminado aos poucos. Isso é tanto mais urgente pelo fato de que em virtude da liberdade de domicílio e na escolha do emprego já existem hoje 2 milhões de mulheres em atividades na CE, que trabalham em outros países membros da Comunidade dos Nove, que não sejam as suas respectivas pátrias. (SL)

Ladrões sem trabalho?

Francforte no Meno (Impressões da Alemanha) — O Cão de guarda de conserva' será de futuro o defensor contra ladrões. Segundo a estatística na República Federal da Alemanha, de 17 em 17 minutos é assaltada uma casa. O fabricante do novo dispositivo (na nossa foto) prevê maus tempos para gatinhos. O novo sistema pode instalar-se em todos os prédios, residências ou escritórios, sem qualquer montagem especial: basta ligá-lo a uma tomada de corrente, sendo, portanto, transportável. O sistema dá então, sinal de alarme através do circuito elétrico, logo que alguém se movimenta ou haja trepidação nas salas ou espaços protegidos. Em caso de falta de energia entra em funcionamento um sistema de emergência. O dispositivo de alarme pode alargar-se com novos componentes, à medida das necessidades.



Os mais antigos Cowboys

John Ford morreu sem concretizar uma idéia que há muito tempo o perseguia: a transposição, para o filme de western, da Odisséia de Homero. No caso, o épico grego revivido por vaqueiros, índios e soldados da cavalaria, e suas intrigas, sua beleza e inigualável fantasia refletidas através das planícies e dos saloons dos EUA dos fins do século XIX. Sem dúvida alguma, o espectador admirador do cinema de Ford não consegue esconder seu desalento pelo fracasso do ambicioso projeto do mestre, que provavelmente viria redimir o gênero de tão malditas tentativas desse tipo. Mas a morte de Ford, já octogenário, e autor de algumas inegáveis obras-primas, não significa a morte do filme de western, que — excetuando-se esporádicas e eficientes realizações — vem atravessando uma fase de aguda decadência, a julgar pelo que temos visto a partir dos anos 60.

Western, para a maioria dos estudiosos, é o filme que se desenrola nos EUA, tendo por cenário a região a oeste do Mississippi, e cuja ação geralmente tem lugar no início do período da colonização, indo até sua consolidação. Assim, temos: as prospecções para encontrar o caminho do Oregon; a descoberta do ouro em 1848; a guerra da secessão de 1861/65 e a construção de linhas telegráficas e organização do serviço postal; a abertura dos trilhos da ferrovia transcontinental em 1862; a fundação de Oklahoma, etc.

O western pode ser dividido em duas distintas categorias: o de fundo histórico e características épicas — de que os filmes do próprio Ford, Frank Lloyd, King Vidor, DeMille constituíam renomados exemplos — e o horse opera, o cowboy popular, usando à vontade a ficção criada por Brett Harte, Zane Grey, Edna Ferber e outros.

Foi justamente do filme de ficção que nasceram os cowboys idolatrados pelo público, deuses de um sistema mitológico que corresponde ao próprio domínio do cinema na cultura de massa. Invariavelmente, o protagonista desses dramas era um fiel guardião da justiça, um poeta, um fatalista olímpico, um lutador soberbo, bravo, ágil e abnegado, profundo conhecedor da arte de laçar, domar e cavalgar potros bravios, de pontaria certa, implacável com os maus, tolerante com os fracos. Esse tipo notável foi criado nos inícios do cinema, em 1903, quando Edwin S. Porter dirigiu *O Grande Roubo do Trem*, colocando num dos papéis principais G. M. Anderson. E Anderson seria o primeiro vaqueiro americano do cinema, posteriormente ganhando fama como Broncho Billy, pseudônimo adotado após o sucesso de um dos tantos curtos concebidos sob a direção de J. Farrell MacDonald. Era o tempo do silencioso. Esvaída a fama de Broncho Billy, um outro cowboy chama a atenção dos aficionados do gênero: Tom Mix, o mais famoso do silencioso, iniciando em 1910 uma carreira que duraria até 1932. Tom Mix é um paladino da honra, tal como Gary Cooper, numa fase mais recente do western.

William Hart é contemporâneo de Tom Mix. Entre 1914/26 fez mais de trinta produções, inumeráveis vezes sob a direção de Thomas Harper Ince (Ince é um admirável pioneiro do filme de western, "o mestre do cinema". Para Delluc, que em diversas ocasiões o compara a Griffith). Mas Hart é o oposto de Tom Mix. "O herói, nos filmes de William Hart, é excessivamente romântico. A conclusão, o castigo e a redenção são atribuídos a um ente supremo, um ser superior, o incognoscível destino. O personagem é trágico; pesa-lhe uma sorte que o condena a ser sempre dominado por duas grandes paixões: ódio ou amor, vingança ou perdão. Seus filmes, ao contrário dos de Tom Mix, provocaram copiosas lágrimas. Mas tanto nos de um como nos de outro, a mensagem era clara e direta" (Salvyano Cavalcanti de Paiva).

William Farnum e Dustin Farnum, oriundos da ribalta, foram os dois outros cowboys que despontaram nas telas durante a época do primeiro grande conflito mundial. Mas em 1919, quando as nações procuravam curar suas doloridas chagas, surge aquele que muitos consideram o maior cowboy do cinema — um título contestado pelos fanáticos adoradores do mirabolante Tom Mix. Nascido a 4 de dezembro de 1894, em Indiana, EUA, e falecido tragicamente num incêndio, em novembro de 1944, Buck Jones trabalhou em quase uma centena de filmes nos vinte e três anos em que esteve diante da câmera. Suas atuações vão desde o cinema silencioso ao sonoro, em ambos exibindo sua voz de timbre grave e agradável. Talvez sua fama se dava, sobretudo, ao fato de inter-

pretar personagens dotados de uma bondade absoluta, que os espectadores do tempo viram em películas como *O Vale do Deserto* (1931), *A Lei da Fronteira* (1931), *Estância Sinistra* (1932).

Um outro mito, embora secundário quando comparado com Tom Mix e Buck Jones, Ken Maynard, trabalhou nuns cinquenta filmes. Alguns não são esquecidos facilmente: *Vingador Silencioso* (1933), *O Cavaleiro de Montana* (1934), ou *O Vale da Morte* (1934), este já no fim de sua carreira. Outros deuses menores floresceram entre os adeptos da variada constelação de filmes de western. Mas Hoot Gibson, que entre 1928/45 esteve em franca atividade, é quase tão importante quanto Tom Mix e Buck Jones. Gibson tinha olhos claros, com olheiras profundas, era bravo mas simpático, sem originalidade, aparentado com os heróis escandinavos — é assim que costumam descrevê-lo os comentadores do primitivo filme de western.

Tim McCoy é menos importante que Hoot Gibson. Entre os anos que vão de 1928 a 1945, se não nos falta a memória, ele trabalhou em aproximadamente quarenta filmes. Foi justamente ao lado de McCoy que Joan Crawford deu os seus primeiros passos no cinema. Mas resta muito pouco do mito Tim McCoy: seu olhar de águia, o terno escuro, a estrela de lata de xerife reluzindo no peito, a voz rouca e marcial.

Enfim, Tex Ritter, Rod Cameron, Charles Starret, Bob Steele e George Montgomery, produtos de uma segunda fase do western popular, servem de ponte para o período de decadência desse tipo de western e gradual ascensão do cowboy de saloon. As duas mais significativas figuras desse interregno foram, sem dúvida, Gene Autry e Roy Rogers.

Gene Autry, morto recentemente, foi o primeiro cowboy-cantor. E ainda compositor de música popular, obtendo imenso prestígio na fase áurea do rádio. Em 1934, quando já vendia milhares de cópias de discos, iniciou uma carreira cinematográfica de mais de cinquenta filmes, todos considerados mediocres, mas tão prestigiados pelo público que Autry chegou a estar entre os indiscutíveis campeões de bilheteria. A partir de Gene Autry a chamada *Horse opera* tomou novos caminhos. Embora cavalgando bem e esmurando como nunca os inimigos, os heróis já não são os mesmos, e são as suas serenatas que comovem e conquistam a heroína. Tudo leva o protagonista central a cantar e assobiar, tendo o violão como companheiro inseparável.

O mesmo ocorre com relação a Roy Rogers, muito mais um menestrel do que propriamente um bravo e arralgado defensor da lei e dos bons costumes. A mímica de Rogers é tida como linear. Ele cria um tipo fantasista de cowboy, reedita o exibicionismo de Tom Mix na indumentária, mas é esquelético, moleirão e quase não dá tiros para dominar os bandidos. Mesmo assim, da mesma forma que Gene Autry, Roy Rogers foi um dos campeões de bilheteria entre 1940/47...

Quem ainda se lembra de Bob Baker, Dick Foran, Bob Livingston, Ray Corrigan? Pois bem. Todos eram cowboys, e nenhum deixou de ser cantor, sendo que o último cometia um supremo abuso: era também humorista. Decididamente, o cowboy popular não era sequer um páldio reflexo do gênero que dera personalidades do feito de William Hart, Tom Mix, Buck Jones, ou mesmo Hoot Gibson.

Fizemos apenas um breve comentário sobre o princípio do filme de western, cujos pioneiros — heróis de nossa infância — foram nominalmente citados. O cunho do western é John Ford, mas é também Raoul Walsh (*O Último Refúgio*), ou ainda Howard Hawks (*Rio Bravo*), Delmer Daves (*A Última Carroça*), ou ainda Anthony Mann (*Da Terra Nasceram os Homens*).

Hoje sabemos que Ford ansiava por realizações que o colocariam numa posição mais relevante que aquela proporcionada por "No Tempo das Diligências", ou pelo admirável "Paixão dos Fortes". Mas John Ford morreu. E os seus atores prediletos — Henry Fonda, James Stewart, o sobretudo John Wayne — nunca perderam a postura exemplar dos mais legítimos representantes de um gênero que, à falta de melhores talentos, um gênero que, irremediavelmente para mediocridades do tipo Django, Trinity ou coisa semelhante. E então veio a decadência.



Professoras estudam toxemias gravídicas

As toxemias gravídicas constituem um dos principais problemas obstétricos, responsáveis por altas taxas de morbimortalidade materno-infantil, assunto incluído como um dos problemas prioritários no Plano Decenal de Saúde para as Américas, na década em curso.

Na Faculdade de Enfermagem da UFPE, o problema das toxemias gravídicas vem sendo estudado pelas professoras Eni Maria Ribeiro e Maria do Rosário Souto Nobrega, recém chegadas da Colômbia, onde fizeram curso de Mestrado. Elas desenvolvem uma pesquisa sobre "As Influências de Fatores Psicossociais em Pacientes com Toxemias Gravídicas".

IDENTIFICAÇÃO

Nessa investigação científica, as professoras Eni Ribeiro e Maria do Rosário procuram identificar problemas psico-sociais que atingem grandes números de pacientes com toxemias gravídicas. Estas constituem um dos principais fatores do elevado índice de mortalidade em vários países.

Muitos estudos têm sido feitos sobre as toxemias gravídicas, mas enfatizando principalmente o aspecto fisiopatológico. A equipe da Faculdade de Enfermagem da UFPE afirma que, apesar de todos os esforços empreendidos, até o momento ninguém conseguiu descobrir a etiologia da eclampsia, sendo por isso denominada de "doença das teorias".

Vários estudiosos têm encontrado, no entanto, como fatores predisponentes da pré-eclampsia e eclampsia, a primiparidade em mulheres jovens, tendências hereditárias, baixa estatura, condições geográficas e climáticas, desnutrição, diabete e beriberi.

Segundo Berson, a toxemia gravídica prevalece entre as raças escuras. Vários estudiosos acham que fatores econômicos e, conseqüentemente, deficiências dietéticas exercem maior influência do que a suscetibilidade racial. Outros sustentam ser a multicausalidade da eclampsia traduzida por um denominador comum: pobreza nutricional da placenta. Isso seria conseqüente à permanência do organismo em estado de desnutrição, dovindo a vários fatores, como dieta pobre, instabilidade emocional, fadiga, doenças que interferem no processo de digestão e metabolismo. Na verdade, explicam, ainda não se sabe qual o principal fator causal ou quais os

fatores que entram na multicausalidade da eclampsia.

INTERESSE

Depois de acurados estudos sobre o assunto, as professoras Eni Maria Ribeiro e Maria do Rosário Souto Nobrega resolveram, então, desenvolver uma pesquisa acerca dos aspectos psico-sociais mais frequentes em pacientes toxêmicas.

Pesquisa sobre Mortalidade Infantil realizada em 1969/71, pela OPAS/OMS, revelou taxas elevadíssimas de morbimortalidade infantil em Pernambuco, constatando-se que as toxemias gravídicas são fatores importantes.

Pretendem as duas pesquisadoras identificar qual o aspecto do problema que deve merecer maior atenção na área da enfermagem: se o biológico, o psicológico ou o social, com vistas a uma assistência mais eficiente e sugerindo, inclusive, novos subsídios aos que se dedicam e se interessam pela melhoria da saúde materno-infantil.

A professora Maria do Rosário Souto Nobrega, ex-aluna da Faculdade de Enfermagem da UFPE é docente adjunto,



sendo uma das responsáveis pelo programa Materno-Infantil para o ensino de graduação. Ela possui o título de enfermeira obstétrica e o de enfermeira materno-infantil, obtidos com a realização de cursos de especialização em Enfermagem Obstétrica na Escola Paulista de Enfermagem e o de Enfermagem Materno-Infantil na Yale University School of Nursing, nos Estados Unidos.

Na Universidade Del Valle, Call-Colômbia, a professora Souto Nobrega concluiu o curso de Genética, tendo contribuído na elaboração de um livro sobre Enfermagem de Origem Genética, em co-autoria com outras colegas, do qual existem exemplares na biblioteca da UFPE.

Para receber o título de Mestre defendeu a tese "Seguimento de niños e egressos de la sala de cuidados intensivos de recién nacidos del Hospital Evaristo García".

OPINIAO

Sobre a atividade na área da enfermagem, ela afirma que o objeto da assistência é a pessoa humana, considerada como ser bio-psíquico-social integrado na família e na sociedade. A enfermagem é uma das profissões que faz parte da área de saúde. Apesar da ampliação do número de cursos, o número de enfermeiras no Brasil ainda é muito limitado (uma para cada oito médicos), tendo em vista as necessidades do mercado de trabalhos.

A enfermagem oferece grandes possibilidades de atuação no magistério, nos vários níveis, na assistência, tanto na administração hospitalar como, sobretudo, no cuidado direto com o paciente, além do campo da pesquisa e planejamento.

PREMIO

Eni Maria Ribeiro graduou-se pela Faculdade de Enfermagem da UFPE, sendo distinguida com o Prêmio Universitário Banorte, como concluinte laureada da sua turma. Dedicou-se ao ensino desde 1966. Realizou curso de Mestrado também em Call-Colômbia, onde defendeu tese sobre o tema "Efectos de un Programa de Instrucción a madres de niños deficientes Mentales en El Instituto Tobias Emmanuel". O seu trabalho teve como finalidade identificar algumas atitudes e conhecimentos das mães de crianças retardadas para com seus filhos.

TERIAM DESAPARECIDO OS TIPOS POPULARES DAS RUAS DO RECIFE?

"Bolinha de Camará" percorria as ruas do velho Recife cantando: "Olha a bolinha de Camará/Um pacote custa um tostão/Cura tosse e constipação/". E assim conseguia fazer grandes negócios. Na sua época, o governador Agamenon Magalhães costumava recebê-lo, todos os fins de tarde, para comprar e saborear as suas bolinhas de Camará. Enquanto isso, em Bom Jardim, "João do Bonde" reuniu-se todas as noites com as crianças da cidade, na calçada da igreja, para contar estórias de trancoso, imitando, às vezes, ruídos de trens. E "Bochecha", filho de família aristocrática do Recife, não perdia uma festa, um aniversário, um assustado, onde fazia discursos e recitava versos. Era considerado uma espécie de "Bobo da Corte", motivo de distração e divertimento para crianças e adultos.

Estes são alguns dos tipos populares do Recife e do Interior pernambucano que marcaram época, alegrando a população e transformando-se, numa hora para outra, em motivos de estudos e em personagens de romances, além de reportagens de jornais, e, às vezes, até de poemas.

Entretanto, pouco a pouco, eles, ao que tudo indica, começaram a desaparecer, sobretudo da cidade grande. Já não aparecem mais nas ruas alegrando a criançada, atraindo a atenção dos adultos. Em certas cidades do interior, eles ainda existem, mas mesmo assim sem a força carismática de antigamente. Nos bairros mais distantes do Recife, e em algumas cidades mais próximas, eles surgem de quando em quando, e como um cometa desaparecem sem deixar vestígios.

Opiniões

O etnólogo Mário Souto Maior — autor de "A Morte na Boca do Povo" e do "Dicionário do Palavrão e Termos Afins" — considera, entretanto, que "os tipos populares não desapareceram e não vão desaparecer nunca". Como exemplo, mostra o caso de um vendedor de bugingangas que aparece vez ou outra nas ruas centrais do Recife, todo vestido de vaqueiro, com chocalhos amarrados nos pés e nas mãos, chapéu de couro enfeitado de estrelas e espelhos.

Acrescenta que um tipo como esse, possivelmente com debilidade mental, procura representar "justamente aquilo que sempre teve vontade e que alimentou desde a infância. Representam, às vezes, personalidades históricas, governamentais ou, até mesmo, gente do povo pelos quais sempre nutriram admiração. É o caso deste cidadão que aparece nas ruas do Recife. Ele pode ter uma grande admiração por vaqueiros e deseja ser um deles. Por isso veste-se como tal".

Mário Souto Maior dá o exemplo, ainda, de vários tipos populares que apareceram em Bom Jardim, na Zona da Mata de Pernambuco. É o caso de "Maria Doida", que costumava enterrar vivas as galinhas que recebia de presente para comê-las mais tarde. Tinha receio de que elas desaparecessem ou que fossem furtadas, sobretudo pelos moleques da cidade que costumavam tomar essa atitude para preocupá-la. Cita, ainda, o caso de "Hercílio de Zefa Lima", figura estranhíssima da cidade, que tomava aguerdente com qualquer aperitivo que lhe oferecessem. Mário Souto maior afirma que assistiu a "Hercílio de Zefa Lima" tomando cachaça com barata, lagartixa e cigarros. Muitas pessoas da cidade achavam interessante vê-lo tomar essa atitude".

Salienta o autor de "A Morte na Boca do Povo" que "certa vez viu-o tomar aguardente com uma cigarra-viva, que ainda cantava quando ele esmagou-a entre os dentes. As pessoas da cidade sentiam-se bem quando ele tomava essa atitude. De minha parte, nunca lhe ofereci nenhum desses estranhos aperitivos".

É ainda Souto Maior quem cita o exemplo de "João do Bonde", aquele que se

reunia com as crianças da cidade para contar estórias, atraindo até mesmo os adultos que se divertiam com as suas palavras e gestos interessantes. Conta que João tomou esse apelido porque, certa vez, veio ao Recife, possivelmente acompanhado de um tio, e quando retornou, passava horas e horas contando a maravilha de andar de bonde, imitando os seus ruídos. Transformou-se, de uma hora para outra, em motivo de atração na cidade, divertindo as pessoas e ajudando a passar o tempo.

Tipos populares do Recife

O antropólogo e escritor Waldemar Valente, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e autor de vários livros, entre outros, "O Padre Carapuço", que estuda a personalidade irrequieta do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, que agitou a vida social do Recife no século XIX, com sua atividade em vários periódicos, inclusive, do "Diário de Pernambuco", com o qual colaborou entre 1829 a 1831, afirma que os tipos populares não estão desaparecendo".

E explica: "Na verdade eles não estão sendo percebidos. Antigamente, havia mais tempo, mais disponibilidade, mais lazer. As pessoas divertiam-se com eles, mesmo as crianças e os adultos. Agora, entretanto, a falta de tempo, em virtude mesmo do tremendo corre-corre da época, rouba a possibilidade de admirá-los, de acompanhá-los".

O Professor Waldemar Valente cita o caso da figura notável de "Bolinha de Camará", um dos tipos populares mais admirados da cidade. Ele percorria as ruas do Recife com o seu refrão interessante, conseguindo fazer bons negócios e atraindo a atenção — e até a amizade — das autoridades mais sizadas e rigorosas do seu tempo. Era uma alegria vê-lo cantando, distraindo a todos. Invadia salões e palácios com a sua satisfação, com a sua verve, levando um pouco



NASCIMENTO GRANDE

de distração para funcionários preocupados com os seus inúmeros afazeres.

Mostra, ainda, o caso de "Nascimento Grande" que, como valentão e figura folclórica, era motivo de atenções em toda a cidade do Recife. "Nascimento Grande", homem forte e corajoso de quase dois metros de altura, costumava andar com uma enorme bengala — sua única e verdadeira arma — além de um capote no braço. Era, ao mesmo tempo, temido e admirado. Na época dos valentões, era o mais temido de todos eles. Vencia batalhas somente com o seu nome, com a sua legenda.

Conta que, certa vez, "Nascimento Grande" tomou um bonde numa das ruas do Recife e, sem querer, pisou no pé de um homem que era o "Antônio Padeiro", também valentão e criador de brigas, temido pela sua coragem. "Antônio Padeiro" não gostou da pisadela. Ficou reclamando, criando caso, inventando briga. Não desculpava, de forma alguma, "Nascimento Grande". Entretanto, "Antônio" não sabia com quem estava falando. Pensava que fosse um cidadão qualquer, um homem do comum, apesar do tamanho e do destemor. Em certo ponto, "Nascimento Grande" pediu parada ao bonde, e quando desceu, "Antônio" acompanhava-o chamando-o para a briga. Não houve "nem mais e nem por quê". Os dois se "atracaram". Apesar do tamanho e da valentia, "Nascimento Grande" já estava apanhando, quando alguém gritou: "Antônio, esse aí é o Nascimento Grande! Temeroso, "Antônio Padeiro" largou o desfeto e saiu na carreira".

É ainda o autor do "Padre Carapuço" quem lembra o caso de "Bochecha", figura que também marcou época na cidade, atraindo a atenção de todos. Segundo Waldemar Valente, "Bochecha", de cujo nome verdadeiro não se recorda, era filho de família importante do Recife. Era uma "espécie de bobo da corte" das festas e aniversários da cidade. Recebia, sempre, convites para todas elas, onde, impreterivelmente, fazia discursos e recitava versos, recebendo aplausos e elogios. Divertia e, possivelmente, divertia-se. Era uma festa dentro da festa.

Pela paisagem humana do Recife ainda passaram tipos populares como "Pente e Chá Preto". Era um moreno, alto, de voz sonora que percorria as ruas da cidade anunciando as suas mercadorias: "pente e chá preto". Exatamente por isso ficou conhecido com este nome. Além do mais, era tomado como a pessoa ideal para levar recados para as namoradas ou namorados, ou, ainda, através de uma gratificação, para soltar desaforos às pessoas. Normalmente, quando "Pente e Chá Preto" aparecia numa rua, logo recebendo convites e dinheiro para levar recados desaforados para muita gente. Era assim que o recifense costumava fazer as intrigas, vingar-se dos seus inimigos. "Pente e Chá Preto" servindo de correio, telefone, carta, bilhete. Servindo de coragem para quem não tinha. As vezes havia brigas, confusões, mas "Pente e Chá Preto" sempre se saía bem, porque era apenas o intermediário.

Outras figuras

O folclorista Liedo Maranhão, grande conhecedor da literatura de cordel, tem a mesma opinião do antropólogo Waldemar Valente, considerando que os tipos populares não morreram: "Simplesmente, eles não estão mais sendo observados, porque não há mais tempo para isso. As ruas apresentam-se sempre com enorme movimento — acrescenta —, de carros, de gente apressada, e esses tipos pouco são vistos. Somente aqueles que se vestem com maior extravagância ou que não têm "papa na língua" é que conseguem se sobressair. Entretanto, entre dizer que o tipo popular morreu e não está sendo observado há uma grande distância".



Acrescenta que na cidade de Olinda, onde reside, ainda existem alguns tipos populares, embora pouco observados. Cita, por exemplo, o caso do "Homem das Ostras", que ainda hoje serve de divertimento e alegria à população.

Recorda-se, ainda, de um dos tipos populares mais característicos do Recife: "O Pai do Chupa". Explica que o "Chupa" era um antigo arraial recifense, que se localizava nas proximidades da Estação Rodoviária e da Praça das Cinco Pontas. Recorda que "O Pai do Chupa", saca nas costas, costumava apanhar papel nas proximidades da Praça do Mercado São José, sendo motivo de troças e brincadeiras. Inclusive, sendo italiano, era considerado — alguns afirmavam por brincadeiras e outros com seriedade — um espíonista nazista durante a II Grande Guerra Mundial. Mas, mesmo assim, esse fato nunca conseguiu ser provado.

Salienta por outro lado, que esse excêntrico tipo popular foi, inclusive, motivo de folheto escrito pelo poeta Delarme Monteiro. O folheto chama-se "O Casamento do Pai do Chupa com a Filha de Noca", em homenagem, tanto à figura folclórica como a uma música carnavalesca que apareceu na época e que foi um grande sucesso. A música tinha um verso que dizia assim: "Vamos prá casa de Noca, que lá é bom, lá tem tudo que quiser/Vamos prá casa de Noca, que lá tem frevo, está assim de mulher". O poeta popular aproveitou o enredo e o sucesso para escrever o seu folheto, que conseguiu ser bastante vendido. Delarme Monteiro, inclusive, é considerado um dos melhores poetas populares do Brasil, tendo um folheto que é um verdadeiro clássico: "O Enjeitado do Orion".

Liedo Maranhão recorda-se, ainda, de outros tipos populares do Recife, que durante muito tempo fizeram a alegria da cidade, sendo motivo de zombarias, algazarras, brincadeiras. Lembra por exemplo, a figura de "Pedro Pavonete", excêntrico homossexual que costumava frequentar a praça do Mercado de São José, atraindo a atenção de moleques, vendedores ambulantes, vagabundos, prostitutas, além dos cantadores e poetas populares, que se serviam de suas excentricidades para fazer versos e refrões.

"Garapa", um débil mental, que percorria vagamente as ruas da cidade, é outro tipo popular recordado por Liedo Maranhão. Afirma que quando "Garapa" aparecia em qualquer ponto do Recife, os moleques começavam a gritar: "Água com açúcar! Água com açúcar!" O débil mental, enervando-se com a brincadeira, que para ele era quase uma agressão, respondia: "Mistura, moleque! Mistura cabra sem vergonha!" E surgiam os assovios, as gritarias, os aplausos, os apupos, as frases sempre repetidas. "Garapa" sacudia-se nervoso, apereado, gritando xingando, repetindo a sua resposta.

Os tempos modernos, a pressa, a agitação da cidade grande, tudo isto contribuiu para que, aparentemente ou não, esses tipos populares que alegravam a população, sejam vistos com menor frequência.

Qualquer corrente só me arrasta para o mar
que, entediado de seu leito, me adivinha
e me consagra todo abismo e acalanto.

Qualquer deserto só me atrai na pirâmide:
secreto ventre. Ardida, quebro qualquer sombra
e me desfaço pelo reino descoberto.

Qualquer desvio só confirma o meu caminho.
Danhada em astros, aturdida de açucenas
qualquer mistério que eu assumo me ilumina.

Recife 3 de março de 1975.

Cabala

No sepulcro de vidro as pombas dormem.
Trinta e seis vidas esperam nas árvores.

A chama branca incende o diamante
que as lágrimas geraram em melo ao frio.

No sepulcro de vidro as pombas dormem.
Dez esferas se fundem nos seus olhos.

A terra enlouqueceu o sopro errante:
há que tirar da arca os sete rolos.

Divide-se na dança a luz das velas
purificando o vôo, ao som da flauta.

O Nome quebra o vidro do sepulcro.
Abismadas no sonho as pombas dormem

Recife, 16 de março de 1975.

Origem

Não sei quem sou. Navego o meu mistério
vencendo todo sono e desamparo.
Nenhuma âncora no passo. Nada
retém no espaço a mão que se oferece.
Por sobre o vento me desnudo e velo.

Liberta de troféus acendo um rumo
além da esfera tensa de futuro
cinzelando fantasmas pelo mar.
E a espuma cobre luas no bosque
em que se esviam fadas e desejos.

Entro na luta, solta de bandeiras,
ignorada de morte. Aves e lírios
afluem ao iluminado sangue
que desmorona a sombra dos ponteiros.
Só origem inflama esse meu tempo.

Recife, 01 de março de 1975.

No panorama atual da poesia das novas gerações brasileiras, avulta Lucila Nogueira, como a revelação mais recente e ao mesmo tempo mais inesperada. Com um ar entre infantil e maravilhado, em um rosto que prima pelos seus contornos harmoniosos — confundindo de imediato, por sua aparência desprotegida, desarmada e franca, certos espíritos que não conseguem separar postura douctoral de inteligência — Lucila Nogueira é, de um modo imprevisível, dotada de uma organização intelectual extremamente complexa para uma moça de apenas 24 anos, revelando uma concepção de poesia em que o componente épico fundamenta o discurso lírico, e conseguindo uma trans-objetividade de que faz com que suas experiências e emoções ultrapassem o nível meramente individual e atinjam alturas só possíveis a alguns poetas que, tocados de superior capacidade criadora, já tenham chegado à maturidade.

Quando falo aqui do componente épico não me refiro ao épico enquanto gênero de poesia, mas à capacidade do poeta de extrapolar a esfera individual, transmutando sentimentos naturalmente sentidos ou idéias harmoniosamente pensadas em representações de um absoluto que pertença ao domínio do clássico, do universal e do arquetípico na arte. O épico (que nos parece pelo seu conteúdo semântico mais abrangente que o dramático) passa a se identificar com o metafísico, por constituir-se numa passagem que o poeta realiza pelo concreto para, em seguida, transfigurá-lo em algo que, tendo nele as suas raízes, ultrapasse o que nele houver de circunstancial, dando-lhe perenidade através da expressão artística.

Lucila Nogueira ao escrever parece ter em mira naturalmente um princípio norteador de seu

destino poético, ao confessar em um dos seus versos: "Por sobre o vento me desnudo e velo". Pois a verdadeira arte é justamente aquela que, no seu eterno desnudar-se e no seu eterno velar-se, mantém-se intangível e soberana para além das referências tanto sensíveis quanto racionais. Sob esse ponto de vista, o seu gosto por uma expressão esotérica, pelo fantástico, pelos mistérios, numa poesia em que se casam combinações imagéticas insólitas com inquestionáveis preocupações filosóficas, cabalistas e místicas, denota um fenômeno raramente observável em nossa poesia e que merece um registro especial.

Outro aspecto curioso é que, desconhecendo as regras mais elementares da métrica, seu ouvido venha sendo um valioso auxiliar de seu ritmo e, em sua sábia ignorância, ela consiga realizar decassílabos portugueses perfeitos e até mesmo alexandrinos espanhóis. Utilizando mais frequentemente como forma estrófica o dístico, não desdenha o soneto nem o terceto branco, e ainda que não empregue a rima, as assonâncias internas e outras combinações rítmicas favorecem magnificamente a leitura dos seus versos. Mas possuindo, além disso, uma idéia própria de modernidade, sua criação não apresenta semelhança nem com os modelos convencionais nem com os ecos, ainda frequentes em muitos poetas nossos e contemporâneos, de pessimismo e de nihilismo de pós-guerra. E como apresenta, por igual, uma visão própria do conhecimento poético, predominantemente assinalado pelo místico e pelo esotérico, Lucila Nogueira faz de sua poesia o arauto de um mundo renovado, proclamando, antes de qualquer derrota, e acima de qualquer solidão, o júbilo, o amor e a glória do homem, identificando-se, dessa forma, com poetas como Rilke, Blake e Saint John Perse.

Fernando Monteiro realiza filmes de curta-metragem

Com grande experiência fílmica no domínio do curta-metragem, Fernando Monteiro, ficcionista, poeta e cineasta, teve, recentemente, dois de seus filmes apresentados no Cinema Educativo Permanente, que funciona no Teatro do Parque. Os meios intelectuais do Recife valorizaram a iniciativa, e Fernando Monteiro, o Produtor, os viu ainda premiados com o Certificado de Classificação Especial do Instituto Nacional do Cinema.

Acontecimento de tão grande interesse para a cultura pernambucana não poderia passar despercebido, e Fernando Monteiro foi convidado, por isso, a dar-nos dele a sua interpretação categorizada.

P — Qual a colocação básica desse seu novo curta metragem "Filme de Percussão Mercado Adentro"?

R — Apesar de realizado em condições inteiramente profissionais — e para isso criamos uma produtora de filmes culturais, a Rota G Comunicação — "Filme de Percussão Mercado Adentro" é uma película experimental no plano da forma, a partir de uma justaposição de montagem paralela, servindo a um conteúdo que tenta ser duplamente "estrutural": comparação de forma arquitetônica (imagem) e forma de vida (semiólogia/ estruturalismo) na amostragem cultural do que o tempo e o costume fizeram de ambos os mercados inseridos no filme: o de "São José", de pé no Recife, e o "Les Halles", de Paris, já demolido.

E nesse contraponto, o filme se torna, também, uma crônica da ameaça, uma pergunta e uma colocação de dúvida sobre a herança cultural que se apaga. E pode-se, então, fazer uma prospecção de quase "science-fiction" sobre o fim provável — um dia, uma tarde — ao nosso velho Mercado, talvez conservado por um acaso apenas oficializado...

P — Por que "Filme de Percussão...?"

R — Porque esse contraponto se assemelha ao recurso musical do mesmo nome — daí a estrutura binária no ritmo de imagens — e ainda pelo aproveitamento, por isso, da

sulte para percussão, (do grande Marlos Nobre) "Rythmetrom". E ainda lembraria a ressonância musical presente em toda verdadeira construção de linguagem cinematográfica; em Chaplin (todos os seus filmes e principalmente "O Circo" e "Luzes da Cidade"), em "Cidadão Kane", "Coração Potlomkim", "A Carroça" (de Sjöstrom) e mais uma centena de filmes — ou momentos de filmes — que vão até a declarada composição sinfônica do recentíssimo "Gritos e Sussurros", de Bergman.

No nosso caso — tão mais modesto — não pretendemos mais do que ter tido em mente apenas a experimentação dessa qualidade estranha — a musical — que parece anteceder todas as demais responsáveis pelo resultado final de uma obra cinematográfica.

P — Mas como seria um "contraponto" em linguagem cinematográfica?

R — Seria, já no roteiro, semelhante à partitura, ao determinar as combinações imagem-som-imagem, por exemplo. No nosso filme, proponho imagem-e-imagem-som-e-som, além da composição harmônica, de quadro para quadro, ou de tomada para tomada — no chamado sistema de relações de montagem, ainda tão pouco aprofundado — que também oferece combinações de cada elemento de linguagem fílmica, utilizado como "nota" — por que não?



Flagrante do Mercado de São José, focalizado no filme de Fernando Monteiro

— E "Simetria Terrível", sobre João Câmara?

— Aqui a intenção muda bastante. Já no título, a afirmação e adjetivação da forma — ou da figura — determinam a preocupação, a partir da citação de William Blake: "Tigre, tigre, ardendo rutilo nas florestas da noite, que imortal mão, ou olho, puderam engendrar tua simetria terrível?"...

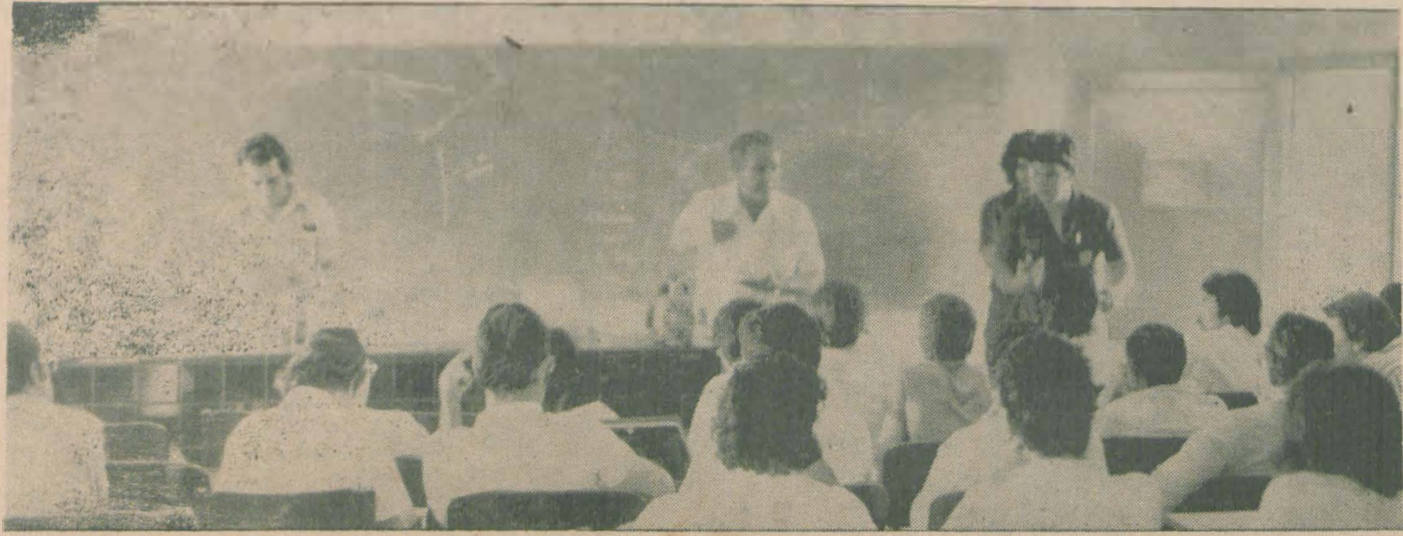
Ora, João Câmara, figurativo absoluto, corpocêntrico e sanguinolento, da Arte brasileira, teria que ser o núcleo de preocupação de um filme que pretende discutir a forma, ou a arte como forma, perfazendo o roteiro de pequeno ensaio sobre o discurso não dos "abstratos furores" (de que falava Elio Vittorini) — mas dos que são vitais, vividos, carnis. Esse o plano mais metafórico, correspondente à citação do "Tigre"; no plano mais abaixo, crê-se que o filme também pretende ser um comentário a rigor, evanescente coisa. Portanto, homenagem à mão forte do artista que ainda o executa sobre a tela (no caso, é intencional o reforço da "aura mística" da assinatura, que o próprio pintor desenha nos títulos). A seguir, o tema dos materiais é exaustivamente dissertado pelo exigente e insatisfeito artista, que reclama a madeira — se não a tela — a tinta e a falna, sonâmbula e braçal ao mesmo tempo, da manipulação desses materiais. Por isso, "o tema é a técnica" (João Câmara, 1970), e, por extensão, a mecânica oficial da pintura.

A título de mera informação, acrescento que "Simetria Terrível — ou Mecânica de João Câmara" pretende iniciar uma série sobre a chamada Escola Pernambucana na moderna pintura brasileira, onde assume maior importância a medida em que se vai alargando sua influência poderosa — o revivificador, ao meu ver.

P — E quais seus novos trabalhos dentro do curta metragem?

R — No momento, aguardo cópias de dois filmes recém terminados, que são "Arquitetura Rural Nordestina", realizado sob encomenda do Plano de Ação Cultural do MEC, e "Cultura Marginal Brasileira I — O Mundo Louco de Zé Limeira", que também realizamos para o Ministério de Educação, através do Instituto Nacional do Cinema, que patrocinou esse "número dois" de nosso Projeto Cinematográfico de Pesquisa Sociológica, Antropológica e de Comunicação Social, incluído com "Visão Apocalíptica do Radinho de Pilha".

"Simetria Terrível" e "Filme de Percussão" são, evidentemente, produções independentes, de nossa produtora Rota G Comunicação, que pretende realizar apenas na área do filme cultural, como eases que acabam de obter o Certificado de Classificação Especial do Filme Brasileiro de Curta-Metragem, concedido pelo Instituto Nacional do Cinema, pela primeira vez, a uma produtora nordestina.



O uso de estimulantes medicamentosos é algo quase tão velho quanto o esforço do próprio homem para suprir suas deficiências físicas, intelectuais e mentais. Na antiga Grécia, as libações alcoólicas em louvor a Dionísio contribuíam não apenas para agradar ao deus, como também para apaziguar as tendências inibidoras que dificultavam o livre exercício da eloquência. Também os povos pré-colombianos apelavam para tais recursos, embora por motivos diferentes, conforme diversos estudos publicados em nossos dias. Sabe-se ainda que alguns estimulantes são aconselhados e receitados pelos próprios médicos, não sendo pequeno o número de pessoas que os tomam por conta própria. Alguns desportistas, por exemplo, têm o hábito de competir sob o efeito de estimulantes, sobretudo os futebolistas, mas no Brasil — como na totalidade dos países ocidentais — existem leis que proibem expressamente o uso do **doping** em competições dessa natureza.

Uso de estimulantes no futebol e como são feitos os exames



Estimulantes

Muitas são as substâncias consideradas **doping**, e poucas são aquelas que não trazem consigo grandes males para o organismo humano. Dentre as substâncias comumente invocadas como poderosos estimulantes, ou **doping**, destacam-se as aminas simpaticomiméticas (efedrina, anfetamina e seus similares); estimulantes do sistema nervoso central, como estricnina, purinas, tropeinas, analépticos e drogas similares; sedativos, narcóticos e analgésicos (morfina, neprobanato); e vasodilatadores (nitritos, ácidos nicotínicos e drogas similares).

Efeitos

Normalmente, os medicamentos desse tipo — também chamados psicoanalépticos — estimulam enormemente a atividade anímica e mental, seja para aumentar a capacidade de vigília, de intelecto ou de percepção, podendo conduzir à insônia, à euforia e também à ansiedade. Contudo, os efeitos comuns não raro resultam no aumento de iniciativa, na elevação do ânimo e no melhor rendimento psíquico.

Iniciativa estimulada

Dentre os psicoanalépticos são muito conhecidos os psicotônicos, que combatem essencialmente a sensação de fadiga e a sonolência, figurando como principais as aminas despertadoras (anfetaminas) e os simpaticotônicos — ou simpaticomiméticos marginais — que estimulam ligeiramente a iniciativa.

Mas os principais componentes deste grupo são os antidepressivos, timolépticos ou timoanalépticos, que aumentam a iniciativa, podendo combater a inibição depressiva e a distonia vital.

Os simpaticomiméticos são considerados exponenciais psicoestimulantes, e, de forma especial, também as anfetaminas, dextroanfetamina ou Dexedrina, metanfetamina ou Metedrina. Todas estas substâncias são euforizantes e, com muita eficiência, produzem a sensação subjetiva de sono e fadiga, com o que parecem facilitar a atividade física e mental.

Sua maior efetividade se manifesta no controle da sintomatologia da narcolepsia, já que sua ação não é curativa. Vale ressaltar que algo semelhante ocorre em certos transtornos do comportamento dos meninos com sobrecarga intelectual, que podem melhorar com esse tratamento, sempre que não seja aplicado a uma personalidade psicopática.

Sua eficácia na depressão psíquica e nos transtornos do humor é muito mais duvidosa e, ademais, é possível o aparecimento de verdadeiros estados psicóticos, como insônia, ansiedade, agitação e, às vezes, tendência ao suicídio.

Palestra

Para debater problemas relacionados com o emprego dos estimulantes no futebol, mostrando o desenvolvimento técnico do exame antidoping e, conseqüentemente, tornando mais claros os motivos que levam à ingestão de drogas por parte dos futebolistas, o Departamento de Bioquímica e Biofísica da

Universidade Federal de Pernambuco reuniu jornalistas, médicos e dirigentes dos principais times pernambucanos. Estiveram presentes os médicos Bráulio Pimentel, do Santa Cruz Futebol Clube; Elias Barbosa, do Esporte Clube do Recife; Romualdo Veras e Romeu Krause, ambos do Clube Náutico Capibaribe; professores Laudenor Pereira, do Hospital das Clínicas Pedro II e chefe do Departamento Médico da Federação Pernambucana de Futebol, Antônio Gomes, responsável pela execução dos exames antidoping e adjunto da UFPE, e Dalmo de Oliveira, chefe do Departamento de Bioquímica e Biofísica da UFPE, além do snr. João Caxero, diretor do Santa Cruz.

Na ocasião, foi realizada uma demonstração do exame antidoping que é feito na própria UFPE, sob a supervisão do professor Dalmo de Oliveira. O resultado de um exame é deduzido da análise da urina, pelos métodos da cromatografia gasosa e em camada fina.

Afirmando que o ideal mesmo seria o exame clínico do atleta, além da análise laboratorial, o dr. Laudenor Pereira deixou claro que isto só seria possível com autorização do Conselho Nacional de Desportos (CND), cujas normas atualmente só se referem à análise da urina.

Afirmou, ainda, que os resultados são entregues na própria federação, e em seguida registrados no boletim daquela entidade, conforme determinações do seu presidente em exercício, Pelágio da Silveira.

